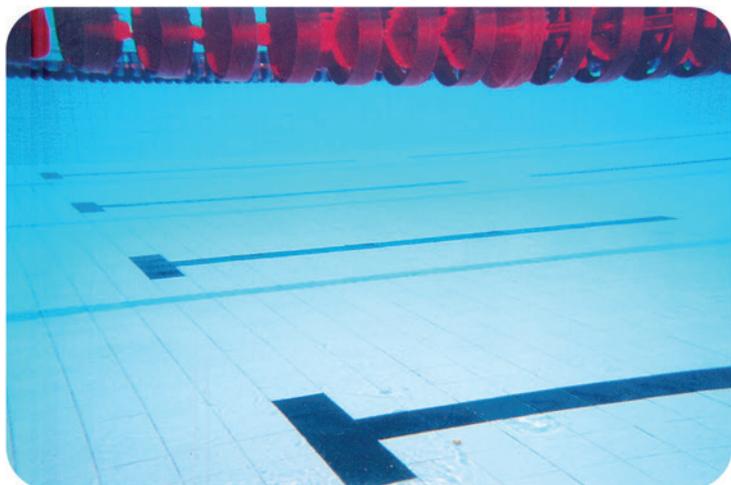




mini em revista

ÍNDICE

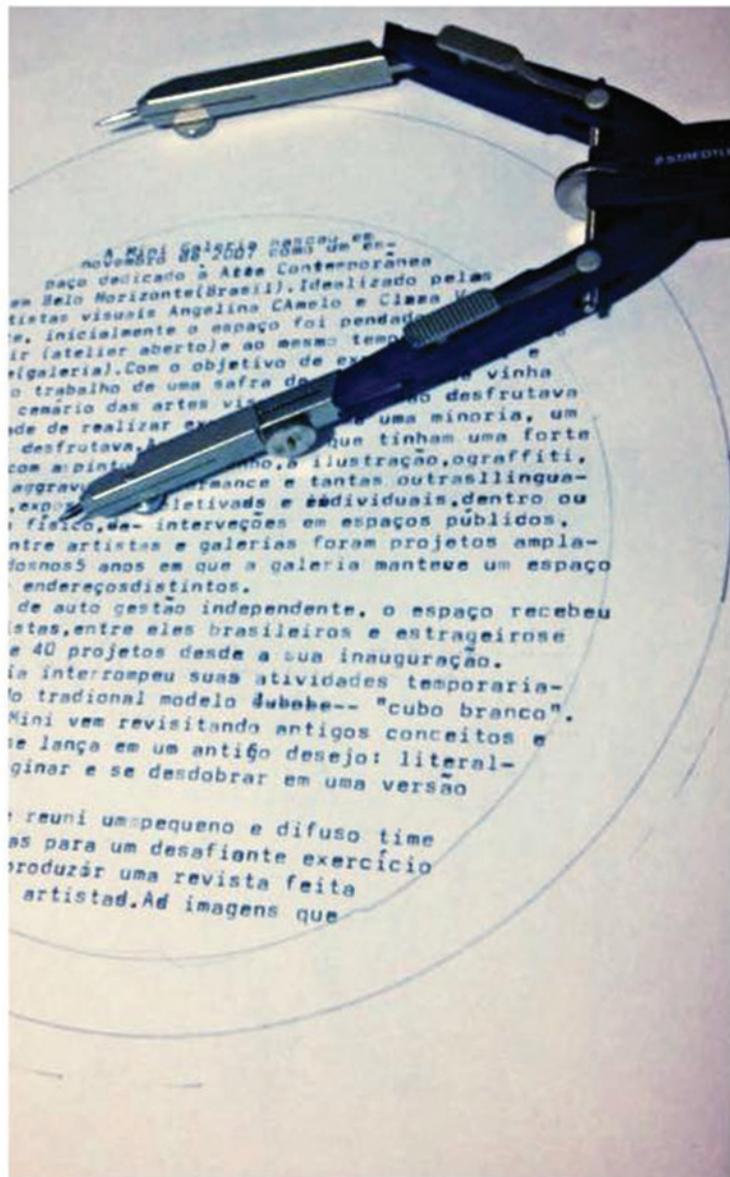
- Artista da Capa: Flora Assumpção - Artista representada pela galeria Emma Thomas - São Paulo - Brasil PISCINA III (2013. resina cristal e vinil. 5x18x18cm aprox. Foto: Flávio Lamenha)
www.floraassumpcao.blogspot.com
- Editorial (págs. 2 e 3)
- Espaço Crochet (págs. 4 e 5 - Suzana Massini)
- Entrevista com Artista (págs. 6 a 11 - Artista - João Maciel)
- Atelier de Artista (págs. 12 a 15) Artista - João Maciel)
- Sketches, Rabiscos , Croquis , Cadernos de Artista (págs. 16 a 20) Artista - João Maciel)
- Foto Registro (págs. 21 a 26 - Carolina Santana)
- Pintura em Pano de Prato (págs. 27 e 28 - Selma Andrade)
- Espaço Independente - pág. 29 - Coletivo Mime (págs. 30 a 35) Coletivo Maçã de Peito (págs. 38 a 50)
- Identidade visual vintage biscoitos Piraquê por Lygia Pape (pág. 47)
- Poesia Visual “Poemas do Livro dos jardins” por Ana Martins Marques, Fotografias: Série “Sobre o jardim” por Livia Arnaut (págs. 52 a 54)
- Releitura - obra: Joseph Beuys: Fettstuhli - “Fat Chair” 1964 por Clara Valente (págs. 55 a 58)
- Puzzle Pages (pág. 59 a 61 - pintura - Ronaldo Grossman “ O homem de areia”, 2010 óleo s/ MDF - 1,44 x 1,44m - págs. 62 e 63 - colagem: Rafaela Ianni “Don't You See Me? - 30cmx 20cm - 2014 - págs. 64 e 65 - Fotografia / Instalação - Tartaruga Feliz - 2014)
- Fala- se de ... (págs. 66 a 70 - dança: Grupo Terceiro Corpo)
- Propaganda vintage Tupperware (pág. 71)
- Caderneta de Idéias (págs 72 e 73 - Angelina Camelo)
- Momento Histórico das Artes (págs. 76 e 77) (“Ecce Homo”, Cecília Gimenez- impressão em fatia de pão - fonte: curadoria de internet)
- Caça Palavras : Curador(a) Convidado(a) - Paula Borghi entrevista as artistas Ana Beatriz Elorsa e Malu Rissi (págs. 78 a 87)
- Artista em Foco: Artista Shima em Performance / Museu de Arte do Rio (MAR) / 2014 (págs. 88 e 89- “Hierarquia” - Rio de Janeiro - RJ, 2014 - Foto: Thiago Lemos), (Pág. 90 - “Defenestra” - Rio de Janeiro - RJ, 2014 - Foto: Thiago Lemos)
- Literatura de Banheiro - registros fotográficos: Angelina Camelo - (págs. 92 e 93)
- Espaço Carimbo : Raquel Schembri (págs. 95 a 97)
- Instalações Espontâneas: Convocatória aberta. Selecionados: Juliana M.M. Soares (pág. 99, Thalles Pessoa (pág. 100), Guille Suárez (pág. 101), Renata Carvalho (pág. 102) , Pedro Ângelo (pág. 103), Pedro Pessoa (pág.104) , Denis Fujito - artista convidado (pág. 105)
- Frases de Efeito (págs. 106 e 107)
- Espaço Inflável - “Lambe- Lambe” , Fernando De La Roque - obra impressa em cubo inflável especialmente para esta seção (pág. 109)
- Versão em Inglês (págs. 110 a 114)
- Postais Destacáveis (Mariana Abasolo , págs. 117 e 119)
- Agradecimentos (pág. 120)
- Contracapa (Marcelo Comparini , “ Três Romano na Piscina” , óleo s/ tela , 40cm x 30cm , 2013)



A Mini Galeria nasceu em novembro de 2007 como um espaço dedicado à Arte Contemporânea em Belo Horizonte (Brasil). Idealizado pelas artistas visuais Angelina Caselo e Clara Valente, inicialmente o espaço foi pensado para se produzir (atelier aberto) e ao mesmo tempo expor obras de arte (galeria). Com o objetivo de expor, promover e divulgar o trabalho de uma safra de artistas que vinham atuando no cenário das artes visuais, porém não usufruíam a oportunidade de realizar exposições, como um seleto grupo, uma minoria usufruía. Artistas esses que tinham uma forte conexão com a pintura, desenho, a ilustração, a fotografia, o graffiti, a gravura, a performance e tantas outras linguagens. Projetos, exposições coletivas e individuais, dentro ou fora do espaço físico, intervenções em espaços públicos, intercâmbios entre artistas e galerias foram projetos desenvolvidos nos 5 anos em que a galeria manteve um espaço próprio, em quatro distintos endereços.

Em um modelo de auto gestão independente, o espaço recebeu cerca de 40 artistas, entre eles brasileiros e estrangeiros e realizou mais de 40 projetos desde a sua inauguração. Em 2012 a galeria interrompeu suas atividades temporariamente, dentro do tradicional modelo "cubo branco". E então, a Mini vem revisitando antigos conceitos e intenções e se lança em um antigo desejo: literalmente se repaginar e se desdobrar em uma nova versão.

Para tal missão, convidei e reuni um pequeno e difuso time de artistas para um desafiante exercício de se produzir e editar uma revista feita por artistas. Onde as imagens e as palavras propostas e as ideias se desenvolvem livres, sem a pretensão de agradar ou seguir uma fórmula de revista, abandonando ideias pré concebidas de construção.



A Mini Galeria nasceu em novembro de 2007 como um espaço dedicado à Arte Contemporânea em Belo Horizonte (Brasil). Idealizado pelas artistas visuais Angelina Caselo e Clara Valente, inicialmente o espaço foi pensado para se produzir (atelier aberto) e ao mesmo tempo expor obras de arte (galeria). Com o objetivo de expor, promover e divulgar o trabalho de uma safra de artistas que vinham atuando no cenário das artes visuais, porém não usufruíam a oportunidade de realizar exposições, como um seleto grupo, uma minoria usufruía. Artistas esses que tinham uma forte conexão com a pintura, desenho, a ilustração, o graffiti, a gravura, a performance e tantas outras linguagens. Projetos, exposições coletivas e individuais, dentro ou fora do espaço físico, intervenções em espaços públicos, intercâmbios entre artistas e galerias foram projetos desenvolvidos nos 5 anos em que a galeria manteve um espaço próprio, em quatro distintos endereços.

Em um modelo de auto gestão independente, o espaço recebeu cerca de 40 artistas, entre eles brasileiros e estrangeiros e realizou mais de 40 projetos desde a sua inauguração. Em 2012 a galeria interrompeu suas atividades temporariamente, dentro do tradicional modelo "cubo branco". E então, a Mini vem revisitando antigos conceitos e intenções e se lança em um antigo desejo: literalmente se repaginar e se desdobrar em uma nova versão.

Para tal missão, convidei e reuni um pequeno e difuso time de artistas para um desafiante exercício de se produzir e editar uma revista feita por artistas. Onde as imagens e as palavras propostas e as ideias se desenvolvem livres, sem a pretensão de agradar ou seguir uma fórmula de revista, abandonando ideias pré concebidas de construção.

A Mini Galeria surgiu

Em novembro de 2007, como um espaço alternativo, dedicado à Arte Contemporânea, na cidade de Belo Horizonte (MG /Brasil). Idealizado pelas artistas

visuais Angelina Camelo e Clara Valente, o espaço foi pensado inicialmente para se produzir (atelier) e ao mesmo tempo, expor obras de arte (galeria).

Com o objetivo central de promover e divulgar o trabalho de uma safra de artistas, que vinham atuando no cenário das artes visuais e tinham poucas oportunidades de realizar exposições, como um seletto grupo, uma minoria desfrutava. Exposições coletivas e individuais, palestras, intercâmbios entre artistas e galerias, intervenções em espaços públicos, foram projetos amplamente desenvolvidos durante os 5 anos em que a galeria manteve o espaço físico, em quatro endereços distintos. Adepta ao modelo de auto gestão, como espaço independente, a Mini recebeu cerca de 90 artistas, entre brasileiros e estrangeiros, e realizou mais de 40 projetos, desde a sua inauguração

Em 2012 a Mini interrompeu suas atividades dentro do tradicional formato "cubo branco". Neste ano de 2005, a Mini se lança em um novo, porém, antigo projeto: se desdobrar em uma

versão impressa. Passando em revista antigos conceitos, revisitando conteúdos, a Mini em Revista é fruto de uma avalanche de ideias. Durante todo o processo de elaboração,

o maior desafio tornou-se justamente controlar e compilar todo esse volume de informações e material,

e torná-lo tátil e real. Coeso ou não. Um difuso time de artistas e colaboradores foram con-

vidados para figurarem esta primeira edição.

Sem periodicidade regular, a Mini

em Revista se define como uma

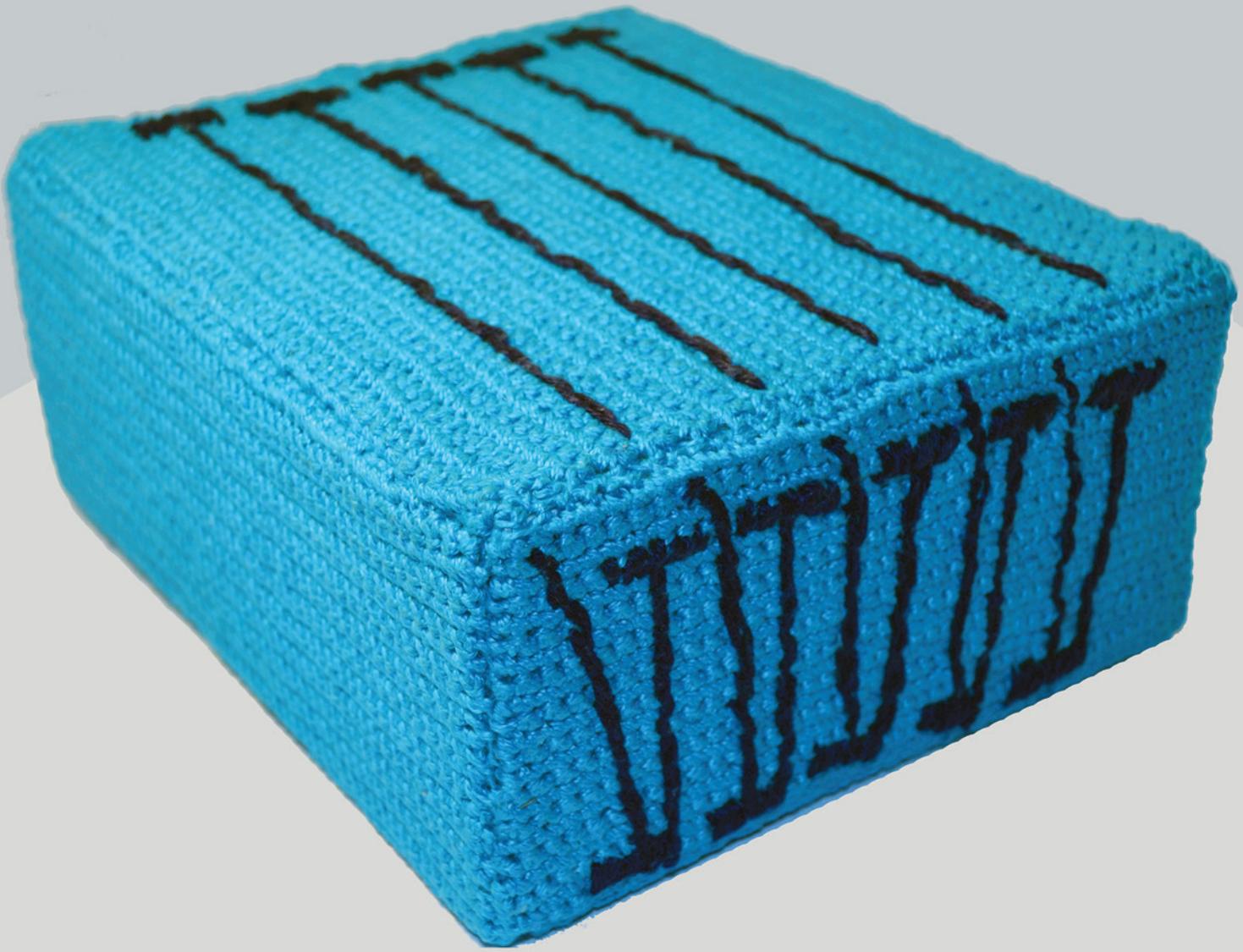
publicação imprevisível

e irreverente.



ESPAÇO CROCHET







ENTREVISTA COM ARTISTA



Quando vc decidiu que ia ser um artista?
De forma mais consciente, optei por este caminho ao decidir prestar vestibular para um curso de Artes.

Qual o lado da Arte que mais te fascina?
Os lados são vários e as artes também. O fato da arte poder ter vários lados e sentidos é o que mais me fascina, em cada espectro há algo que me toca de alguma forma.

Acrílica, têmpera ou óleo? Até agora foi mais acrílica e pouco de têmpera. Óleo não, causa bons efeitos mas é lento.

Quais projetos que mais se orgulha de ter feito parte?

São vários, mas vou citar os projetos de instalação que realizei nos últimos dois anos, 2013 e 2014, a residência PHOPHORUS, o prêmio FUNARTE e o Noturno de Museus 2104 no Museu Mineiro. É preciso desenvolver trabalhos no campo tridimensional e onde mais for necessário, o desenvolvimento da obra no campo bidimensional é apenas uma faceta do todo.

É difícil ser artista no Brasil?

Só se não for da Rede Globo...

Existe algum trabalho que ainda não fez e gostaria de fazê-lo?

Sim, vários. Idéias existem muitas, a questão é transformá-las em realização. Ha idéias para desenho, pintura, escultura, instalação, objetos, móveis, roupas, cantos, coreografias, arquitetura, etcetera e tal.



Qual artista revolucionou sua cabeça?



O problema talvez seja saber qual foi o primeiro, pois muitas vezes temos contato com realizações que nos tocam e em um primeiro momento, não temos a consciência do que é, de onde vem ou por quem foi feito, mas a experiência nos marca. Pensando de forma mais clara, poderia dizer que uma figura na qual me reconheci e marcou um momento importante em meu caminho foi Basquiat, ver aquele filme baseado na história dele foi revelador, isso em 1998, ano em que entrei na Escola Guignard.



ATELIER DE ARTISTA



Angelina Pá

João Maciel + Nova mensagem Ações Q

 **Angelina Camelo** 11/10/2014 14:59
joni esqueci de perguntar sobre seu atelier... seu atelier é seu santuário, qual o canto, vc acredita no caos para criar? seu atelier reflete sua desorganização ou sua criatividade não depende do caos?

ou se for organizado há um certo tipo de bloqueio para a sua criação?

 **João Maciel** 11/10/2014 15:05
Bem aquele atelier foi desfeito e estou construindo um atelier novo. Por um certo período o estado caótico de extremo acúmulo funcionou como um referencial para o trabalho. No próximo formato espero ter um ambiente de criação mais organizado, com as coisas mais claras. " Me organizando para desorganizar, desorganizando para me organizar".

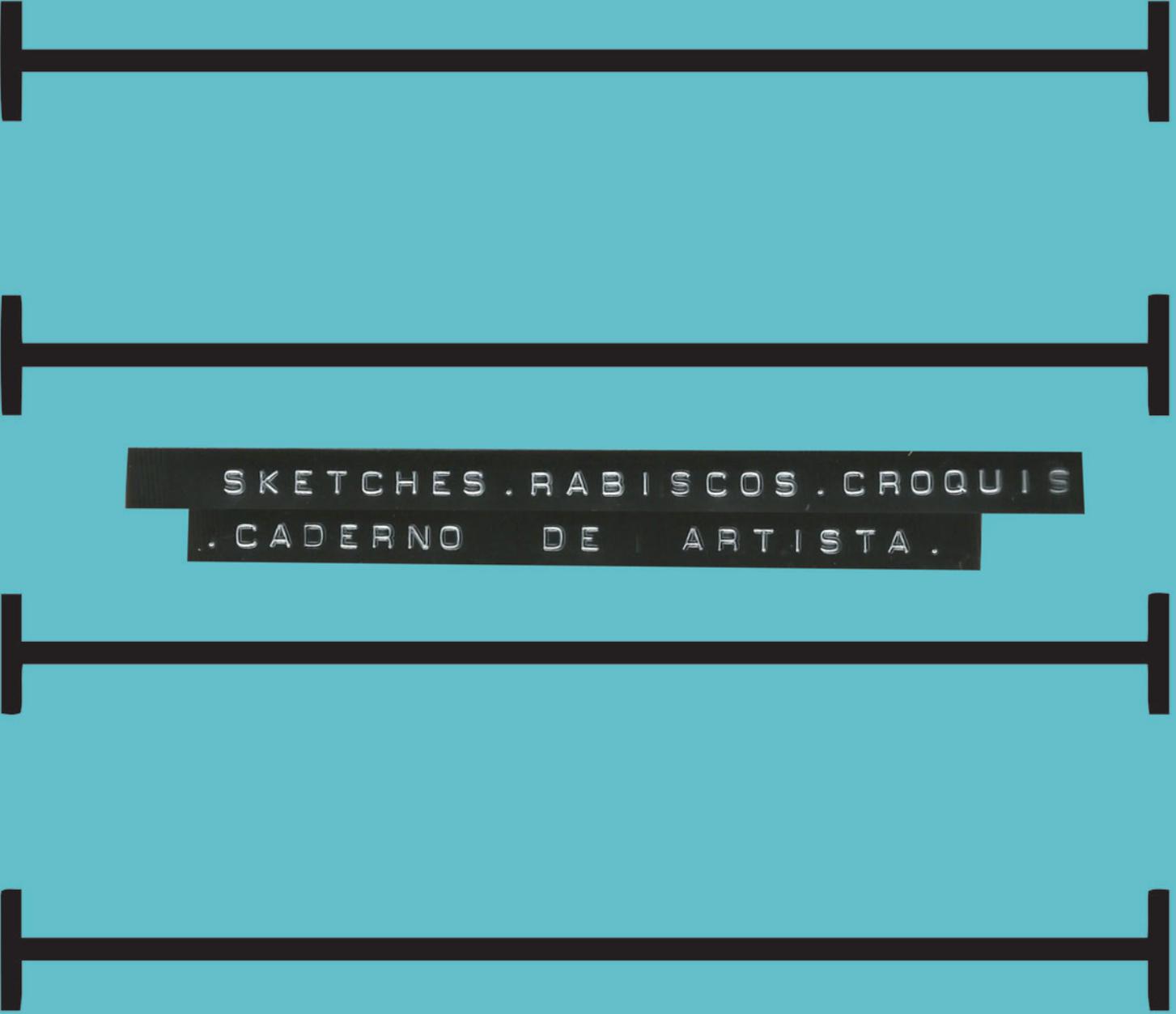
Escreva uma resposta...

 Adicionar arquivos  Adicionar fotos Pressione Enter par... 









SKETCHES . RABISCOS . CROQUIS
. CADERNO DE ARTISTA .

Marratanga

• Batata Quente.



Jadwiga

5-1

- 11



ARNEIRO

encabralhados!



'Escultura Transsensuaz',

A.T.O.

LoKomia

Addict

Addict Totalis Oxigênus

Addict Totalis Oxigênus

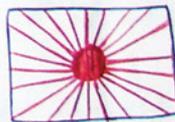
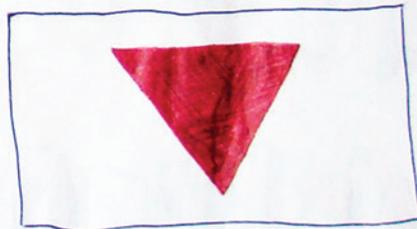
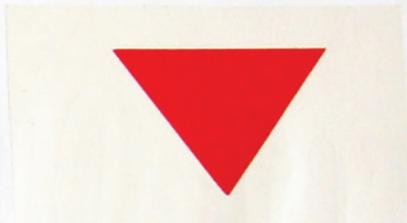
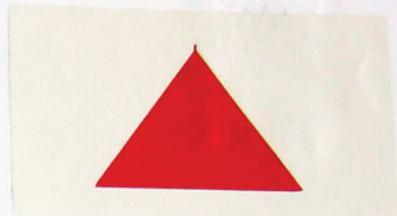
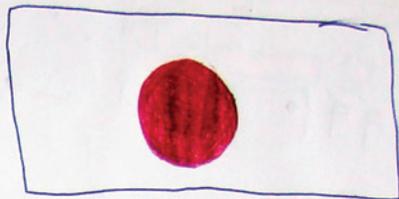


Lôu, ôu, ôu, ôu, ié, ié, ié, ié

[Potaria, sci-fi, Propaganda]

- Rita falta de sacanagem.

Sal



→ Oquete ←

. SAFADEZA OCULTA .

gigante Paque

. Nerd

→ MARI

ideadent



4400



FOTO REGISTRO

Venho trabalhando com imagens de corpos nus inseridos em diversas paisagens. As situações sempre se relacionam ao abandono, à poética do corpo que é quase simbiótica a uma paisagem, à naturalidade dos movimentos e às dificuldades que encontramos para poder expressar os nossos sentimentos desnudos. A padronização dos costumes tende a coibir nossa relação corporal em uma sociedade que ainda se limita a pensar o nu como algo erotizado, uma vez que a naturalidade da nudez de tempos remotos foi gradualmente desvirtuada pela regra social da obrigação do uso da roupa, não somente para proteger o corpo, mas também para escondê-lo. A partir de uma série de fotografias que estava realizando no ano de 2013, no centro de Belo Horizonte, onde retratava arquiteturas decadentes e personagens da cidade, minha curiosidade cresceu à cada incursão pela rua Guaicurus,

então me propus a retratar também o motivo pelo qual a rua é conhecida. Nesse mesmo ano decidi fotografar algumas mulheres, profissionais do sexo, em seu ambiente de trabalho, e busquei uma maneira de entrar nos quartos dos famosos hotéis da rua para fazer as fotografias. Procurei fotografar essas mulheres da forma mais poética e delicada possível. A intenção é mostrar seus corpos sem a fisionomia facial, trazendo à tona o que está além da pele, expondo suas fragilidades e demonstrando em expressões corporais essas emoções.

O emprego desse mesmo corpo como mero objeto de prazer e desejo é contraposto pela maneira delicada com que os corpos se colocam nas fotografias. Assim, o que se vê são pessoas com sentimentos tão suaves como os de qualquer outra, levadas por questões pessoais, das mais diversas ordens, escolheram essa profissão para suas vidas.



A primeira exibição desse trabalho foi no evento “Putá Dei” em 2014, onde as imagens foram projetadas na rua Guaicurus, a convite da Aprosmig - Associação das Prostitutas de Minas Gerais. Esse evento é realizado em várias cidades do Brasil, anualmente, com o intuito de discutir questões legais, promover debates, trabalhos de arte e reflexões relacionadas à profissão dessas mulheres.

Sem
Vergonha,
Garota.
você tem muscula





Som Vergenke,
Goretz.
1995



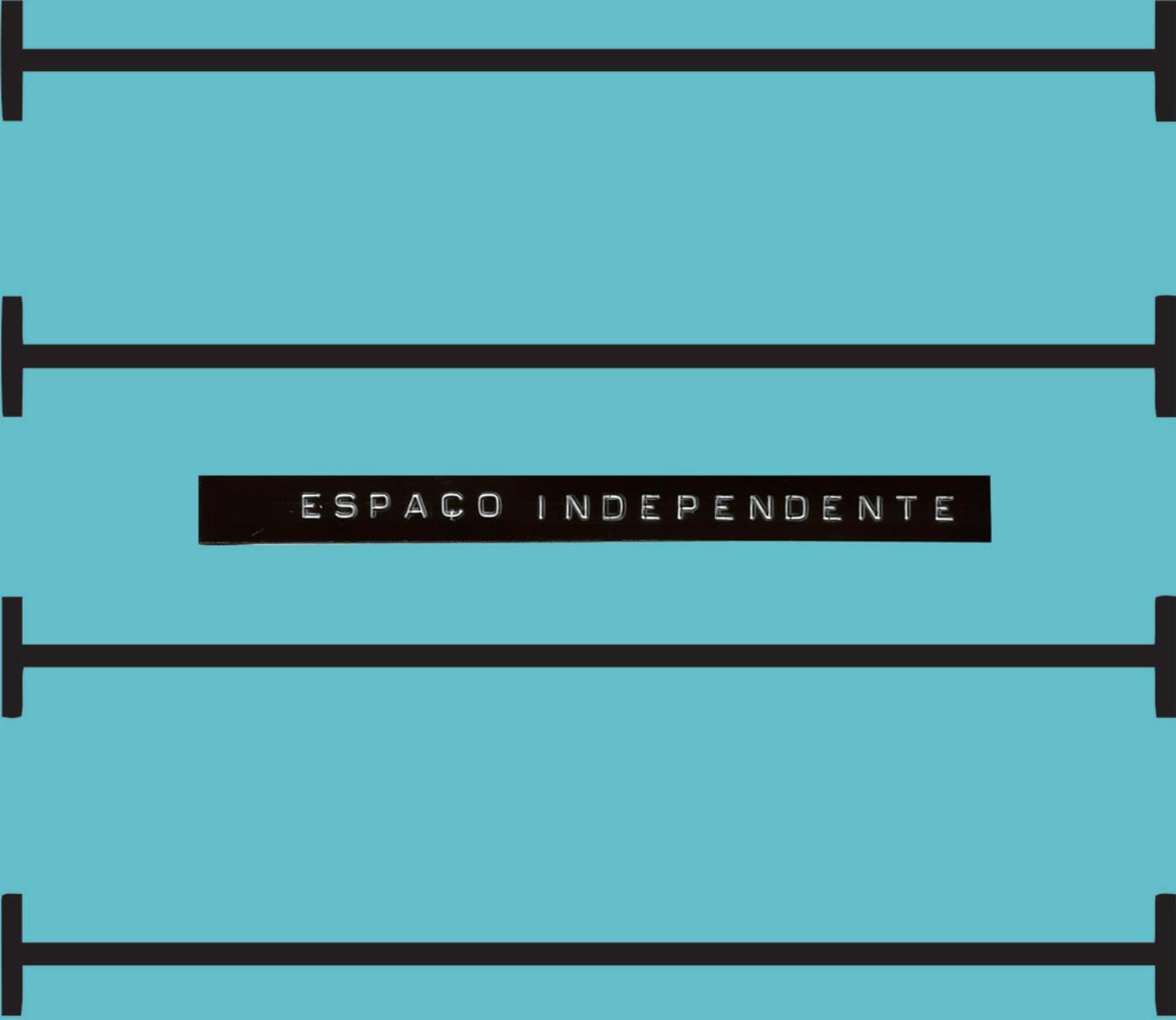


PINTURA EM PANO DE PRATO



EVERY
DISH
TOWEL
HAS
A
COW





ESPAÇO INDEPENDENTE

M M

M M

I I

E E

MIME é um zine sobre gênero e sexualidade impresso em mimeógrafo. Seu nome é uma redução de mimeógrafo, aquele aparelho antigo movido a álcool, carbono e força humana que era usado na escola para fazer cópias, e que não utilizaremos aqui para reproduzir papéis, mas sim, e sobretudo, para desconstruí-los, para fazer circular idéias, palavras e imagens de quem assim o desejar. E o desejo conta bastante.

MIME existe desde 2015. Surge do desejo de construir outras redes, outros desenhos, outras representações partindo da proposta, feita por Cecília Silveira, Bruno Oliveira e Cícero Oliveira, de fazer uma publicação usando um mimeógrafo. A eles se junta Victor Tozarin em seguida, que completa o grupo. A circulação do fanzine será feita por via postal

inicialmente e depois web, como exercício de construção de redes. Porém gênero e sexualidade (se é que existem) são guarda-chuvas conceituais amplos, difíceis de definir. Ao produzir fanzines mimeografados, nos interessa o caráter performativo desse trabalho. A reprodução feita pelo mimeógrafo produz uma cópia barata, a técnica (matriz/cópia) é precária, mas essa precariedade nos constitui e nos torna inclassificáveis. Se por um lado queremos distribuir cópias por aí, o movimento que produz (e reproduz) as folhas impressas do mimeógrafo pretende ativar redes paralelas, atitudes não binárias: cada cópia é única, cada zine impresso é um, posto que nossa matriz é imperfeita. MIME vai girar sua manivela semestralmente, receber contribuições de todo o país (e além), e se lançar no mundo – sem fazer gênero.



Um zine em mimeógrafo

Os fanzines, como se sabe, são exercícios de dissidência que, sob a forma de edições independentes, reagem contra a cultura massificada, unívoca, status quo – e o mimeógrafo foi um dos equipamentos comumente utilizado na reprodução deste tipo de veículo em todo o mundo. Num extremo, uma folha – uma matriz – na qual estão marcados escritos, imagens daquilo que se pretende reproduzir; no outro, uma página em branco, sem traço, sem nome. Acomoda-se a lâmina rasurada numa roda, que, por meio de força mecânica (uma intervenção humana), gira, e aquilo que antes era nada, apenas um papel avulso, adquire uma mancha, torna-se cópia. Trata-se de uma técnica precária, mas muito eficiente para a produção de cópias baratas: suscetíveis à força da tração, suas folhas impressas carregaram todo tipo de inscrição, tendo sido largamente utilizado em escolas e universidades (e outras instituições de gestão biopolíticas) até meados do século XX. O mimeógrafo também confere forma, visibilidade e materialidade inclusive aos outsiders,

“fora do padrão” e que, por isso, foram relegados às margens, por se afastarem de um pensamento conforme – como foi o caso dos autores da chamada Poesia Marginal nos anos 1970 (conhecida, aliás, como Geração Mimeógrafo), da qual participaram escritores como Leila Miccolis, Waly Salomão, Ana Cristina Cesar, Zulmira Ribeiro Tavares, Roberto Piva, entre outros. Progressivamente, o mimeógrafo – assim como nós – foi sendo posto de lado e substituído por equipamentos mais modernos, com melhor desempenho e fidelidade na reprodução de “originais”. Num momento da história do mundo em que o valor das imagens é medido pela quantidade de informação, definição ou qualquer sistema que cause uma boa impressão, em que a informação circula em nossos bolsos e bolsas (smartphones, tablets), e em que tudo talvez não se desmanche, mas circule pelo ar, por que retomar um instrumento obsoleto como o mimeógrafo para reproduzir e circular discursos?



Degenerando a imagem, a palavra, o corpo, nossos corpos e vidas guardam traços, marcas e cicatrizes que nos moldam, ou tentam nos moldar, ainda que não saibamos de qual clichê elas saíram. Desde o princípio, e à cada instante, procuram nos transformar em cópias fiéis: “à sua imagem e semelhança” um certo Deus teria generalizado tudo e todos, criando homem, mulher. Nós – que não somos divinos nem fomos criados por ninguém, que somos infiéis e que não somos nem homens nem mulheres – fomos cunhados num mimeógrafo e, além de roxos, cheirando a álcool, somos imperfeitos, estranhos – queers. O que nos (co) move são braços humanos girando manivelas que deixam manchas similares (mas tão distintos e ímpares) no papel, a decidida vontade de ser visível em lugares que não mais nos pertencem, a inadequação estética, a confusão entre signos hegemônicos e subalternos, a prática de resistência. Nossos papéis são múltiplos, com diversas texturas, formas,

cores, tamanhos, gramaturas – todos eles intercambiáveis e preciosos. Nossa roda passa, mancha, imprime, porém, não fere: queremos, antes de tudo, rabiscar esse papel em branco, mas não fazer dele um documento, um contrato, uma norma, mas antes, uma obra. Dobramos nossos papéis justamente para que eles se tornem plurais e abarquem a diversidade de nossas expressões. Multiplicamos nossas faces para que nossa cara não seja unívoca e para que cada folha de MIME possa abarcar a singularidade e a unicidade desses sujeitos peculiares – distintos, raros, estranhos, diferentes e fora do comum – que somos todos nós.

<http://fanzinemime.tumblr.com>
<https://www.facebook.com/fanzinemime>

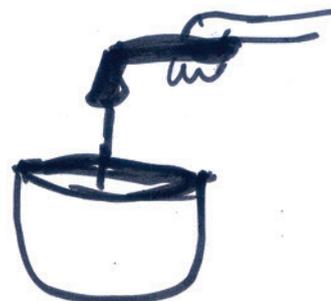
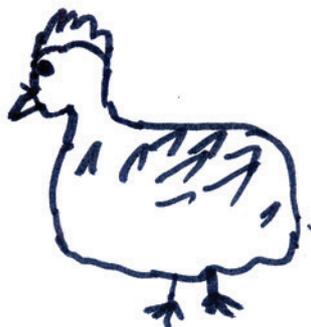






coletivo

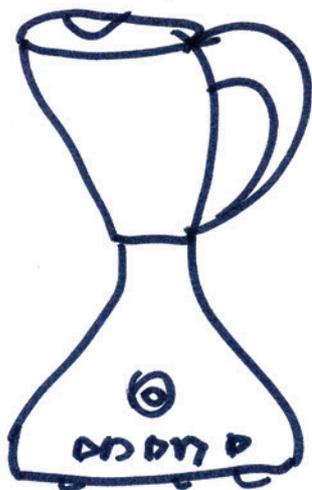




Todo Mundo Sabe Desenhar – Práticas Gráficas

Durante uma tarde na Praça da Liberdade, o transeunte foi convidado a desenhar uma galinha, uma batedeira ou um liquidificador (a escolha dos temas foi totalmente aleatória e propositalmente simplista). Um exercício de práticas gráficas foi proposto: qualquer pessoa seria capaz de produzir uma imagem. Os desenhos foram produzidos de forma imediata pelos envolvidos. Num segundo momento, os desenhos foram ampliados e colados como lambe-lambes em alguns pontos da cidade. As imagens deslocadas de seu contexto original, produziram novas poéticas, novos sentidos, aos olhos do espectador, quando inseridas no contexto urbano.

O Coletivo Maçã de Peito foi formado em 2013 pelas artistas visuais Angelina Camelo e Clara Valente. **Todo Mundo Sabe Desenhar – Práticas Gráficas** é o nome da ação realizada pelo coletivo.





Central

















indústria de produtos alimentícios piraquê s.a. trav. leopoldino de oliveira, 335-
rj-ind. bras. cgc/mf 33040122/0001-60 - dinal 45.144 - **BISCOITO** - far.
de trigo, gordura vegetal, açúcar, malte, leite, sal, extrato natural de presunto,
aromatizante f.iii.

produtos alimentícios piraquê s.a. trav. leopoldino de oliveira, 335-
33040122/0001-60 - dinal 45.144 - **BISCOITO** - far.
açúcar, malte, leite, sal, extrato natural de presunto,

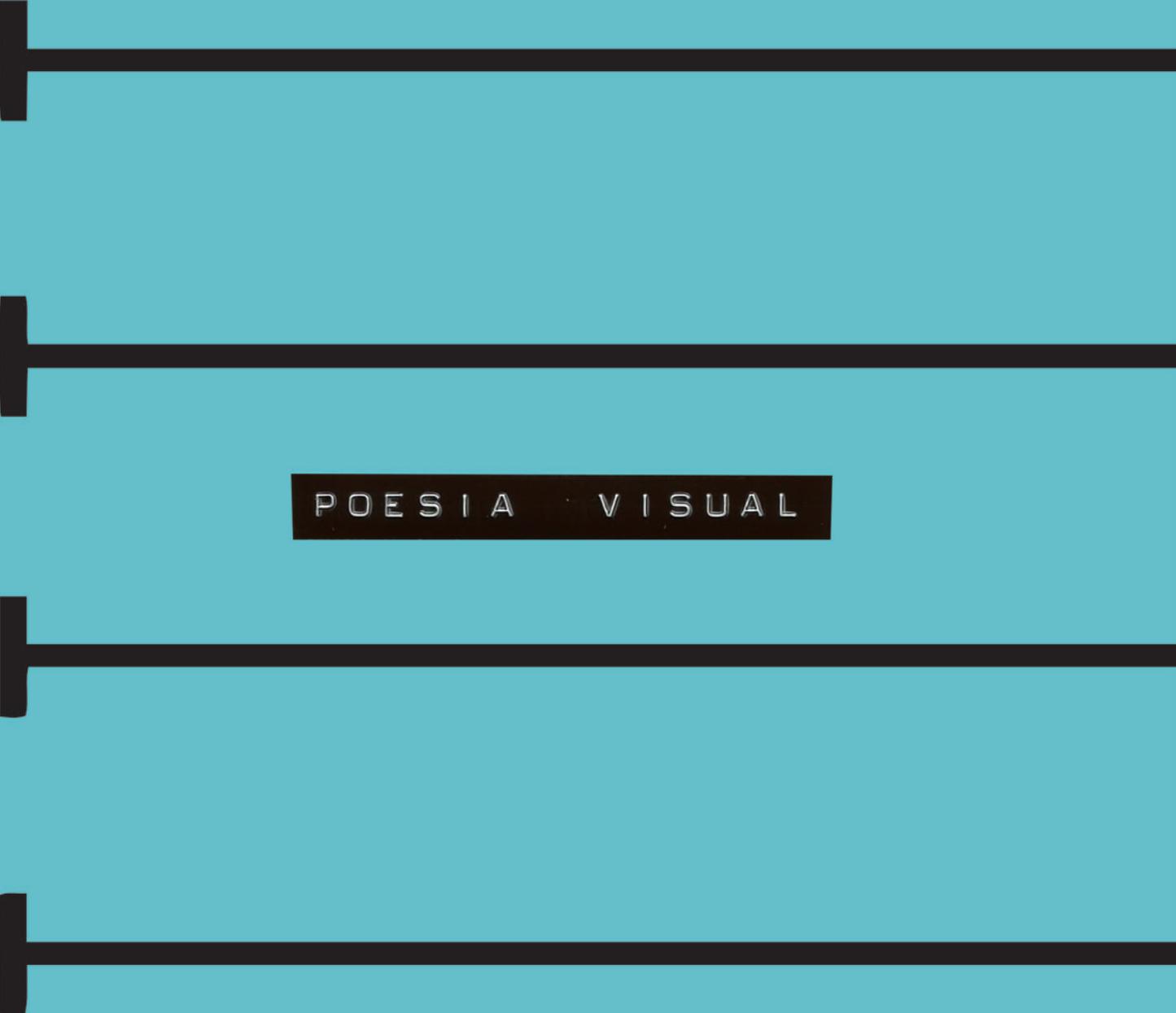


maçã

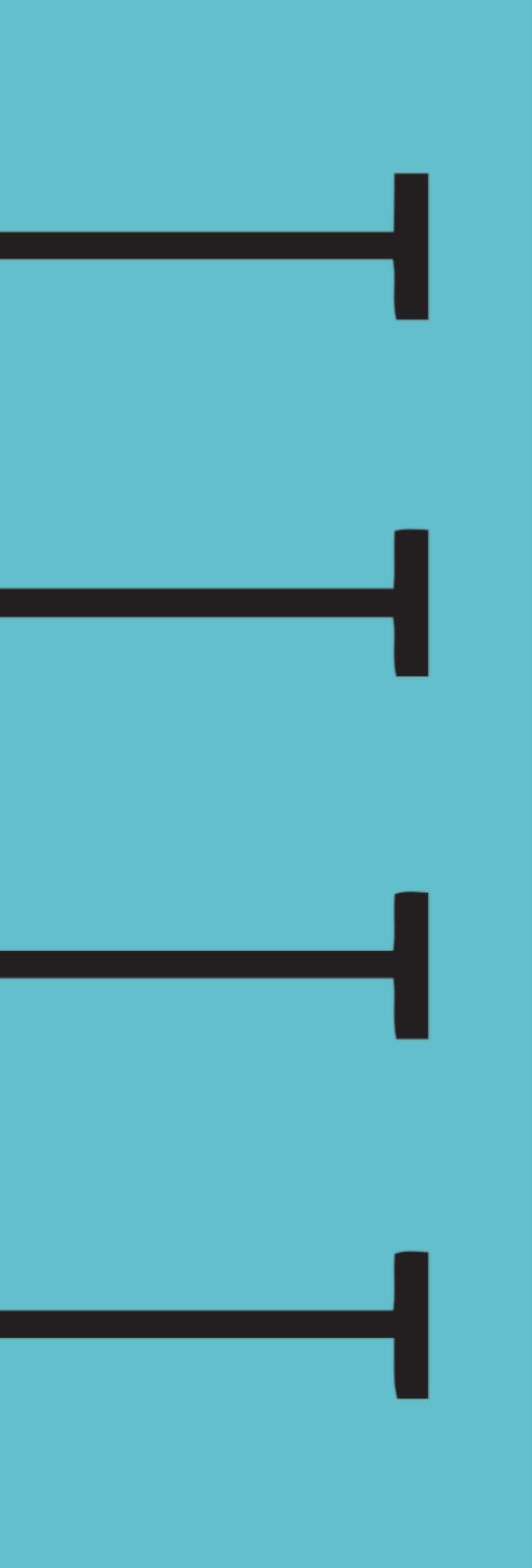
A close-up photograph of a person's chest, showing a nipple. The image is softly blurred, with a warm, golden-yellow color palette. The lighting is soft and directional, highlighting the texture of the skin and the shape of the breast.

de peito





POESIA VISUAL



Poemas do Livro dos jardins

Mais valia, você sabe, plantar um jardim
do que escrever poemas sobre jardins
com o jardim você aprendeu o modo como as coisas

anseiam ser

a concentração, a dispersão

a insistência

a alegria das novas

ocupações

chove sobre o jardim e você pensa:

o informe sobre as formas

seu idioma de sintaxe retorcida

e palavras claras

– figuras

de folhagem –

há flores que babam

que devoram

insetos

flores de fumar

flores que adornam a morte

com mais morte

mais valia, você sabe,

plantar um jardim

*

Também a mesa
de ripa
as duas cadeiras
descascadas
o velho banco
de madeira
o regador
esquecido num canto
– todo o teu mobiliário
de jardim –
parecem ter nascido
aqui
e esperar apenas a primavera
para florir

*



Leio numa revista que Maria Martins
quando criança
enfio sementes de flores
em todos os orifícios do seu rosto
pensou
ela diz
que ter um rosto coberto de flores
a tornaria especial
já que ela nunca vira antes
um rosto coberto de flores
um rosto que é um jardim

dente-de-leão

Aprender
com certas flores
para quem ser
é espalhar-se
e que num sopro
se soltam



rosa

Flor que se fere
em seu próprio espinho
– rosa, rosa –
quem se fere no amor
fere-se sozinho



RELEITURA







Clara Valente

+ Nova mensagem ⚙️ Ações 🔍

Ja to produzindo o meu pra revista sim!!!

Joseph beuys



Angelina Camelo
otimo

7/10/2014 20:20

11 de outubro de 2014



Clara Valente

11/10/2014 12:29



Clara Valente

+ Nova mensagem ⚙️ Ações 🔍

11 de outubro de 2014



Clara Valente

11/10/2014 12:29



Clara Valente
Vou fazer essa cadeira

11/10/2014 12:29



Angelina Camelo
po

11/10/2014 14:08

ai c falouuuuu

Patr



Sele
amar
Maci
prati

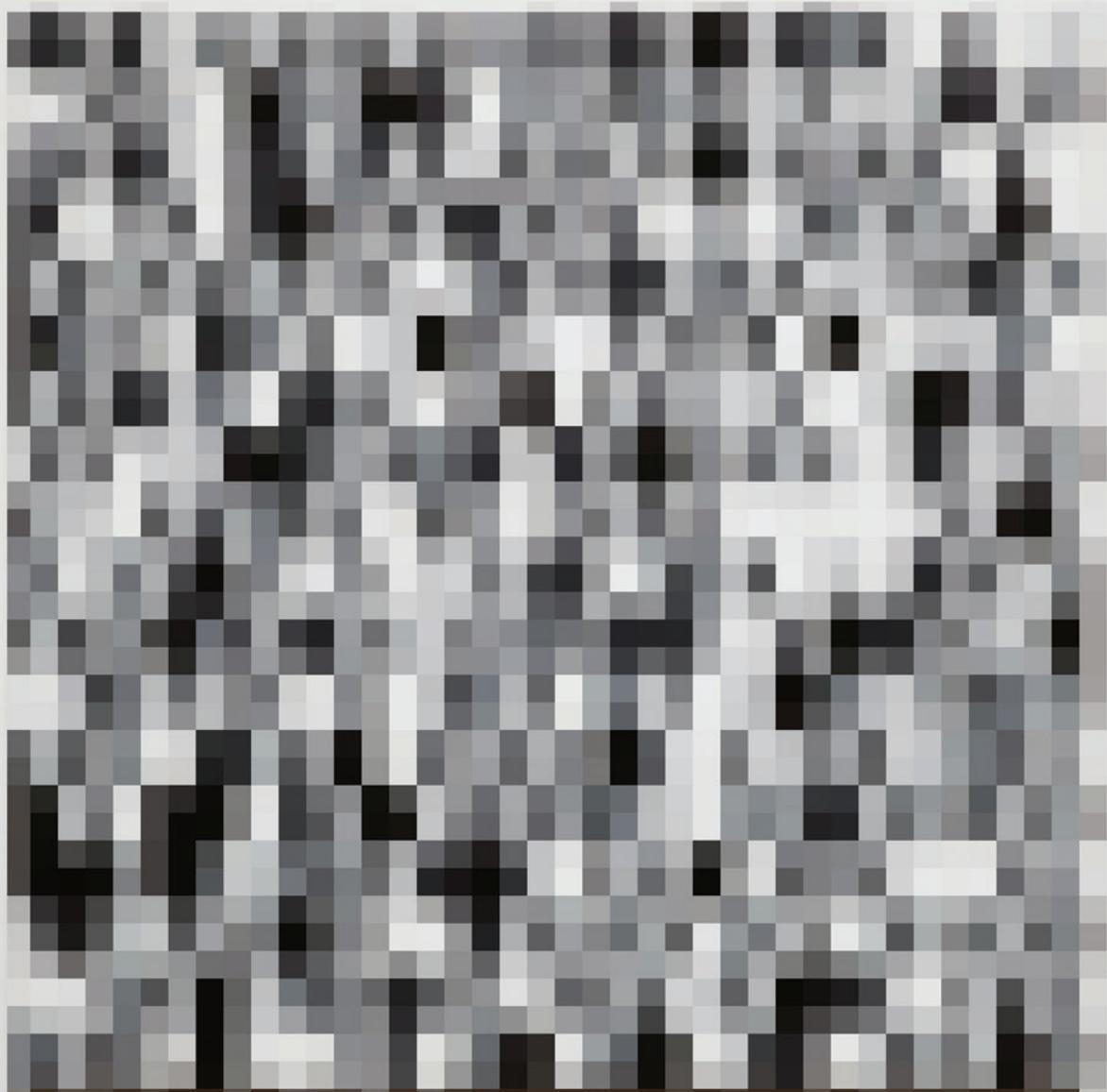
VES
RS\$11
997.1

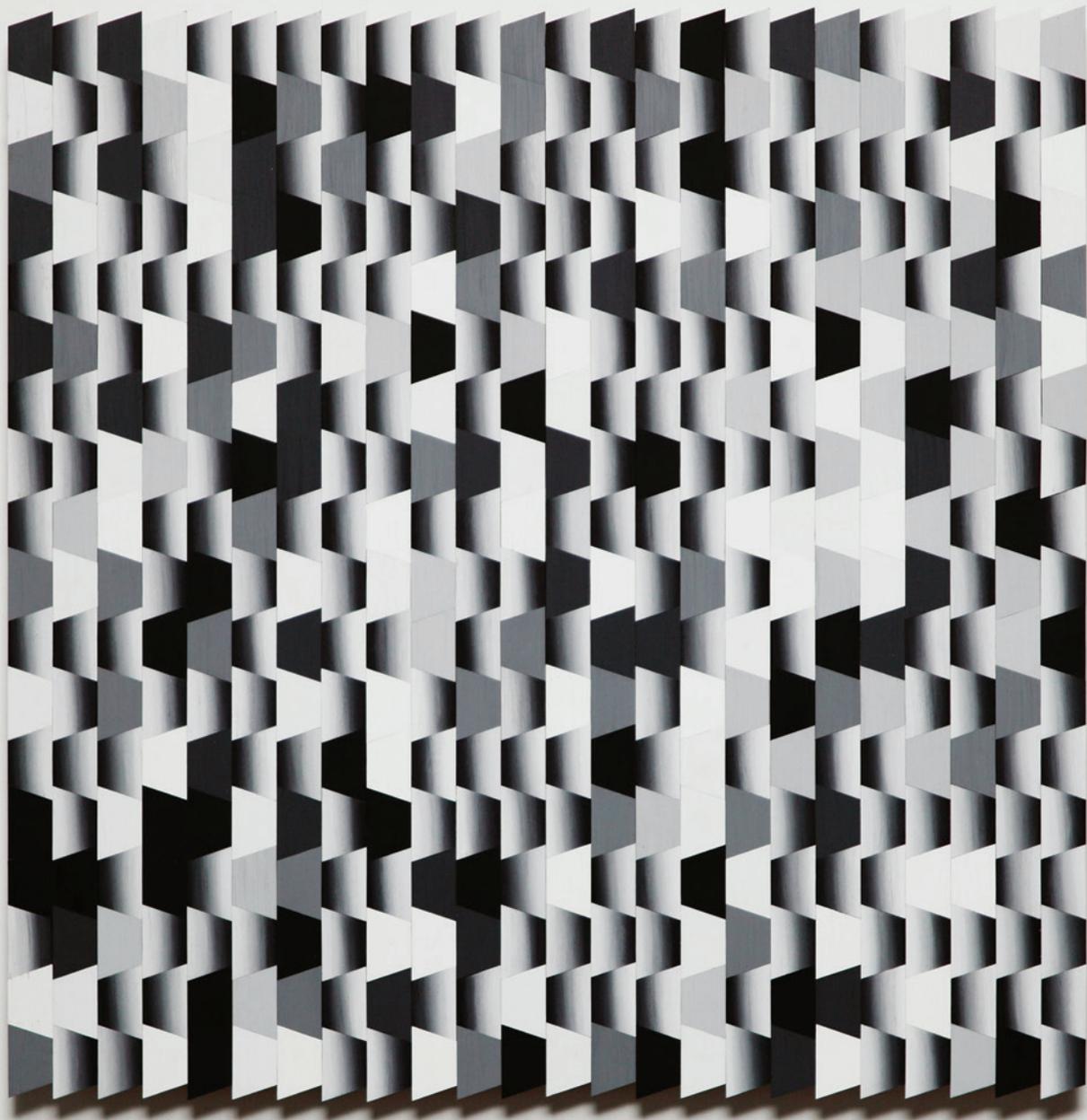
Facel
Portu
Term



PUZZLE PAGES

















FALA . SE DE . . .



:: Miradas do Caos - uma trilogia

Miradas do Caos é uma trilogia que aborda as poéticas do caos na contemporaneidade realizado pelo 3º Corpo, grupo formado por artistas multidisciplinares. Os espetáculos da trilogia exploram a interação dos bailarinos com imagens e sons criados ao vivo durante a apresentação por meio de sensores e projeções mapeadas. Apresentar o caos de forma poética. Assim prossegue o grupo 3º Corpo em Miradas do Caos #3, último espetáculo de uma trilogia perpassada pelo caos na contemporaneidade, pela instabilidade que ele promove, pelo acaso e pela imprevisibilidade. Depois do primeiro espetáculo que se concentrou sobre as relações sociais e Miradas do Caos #2, no plano ambiental, Miradas do Caos #3 abordará o caos sob o ponto de vista do indivíduo. O trabalho está em processo de criação durante uma residência artística que acontece durante 2015, no Centro Cultural da UFMG, em Belo Horizonte.

:: A estética, o corpo e a tecnologia

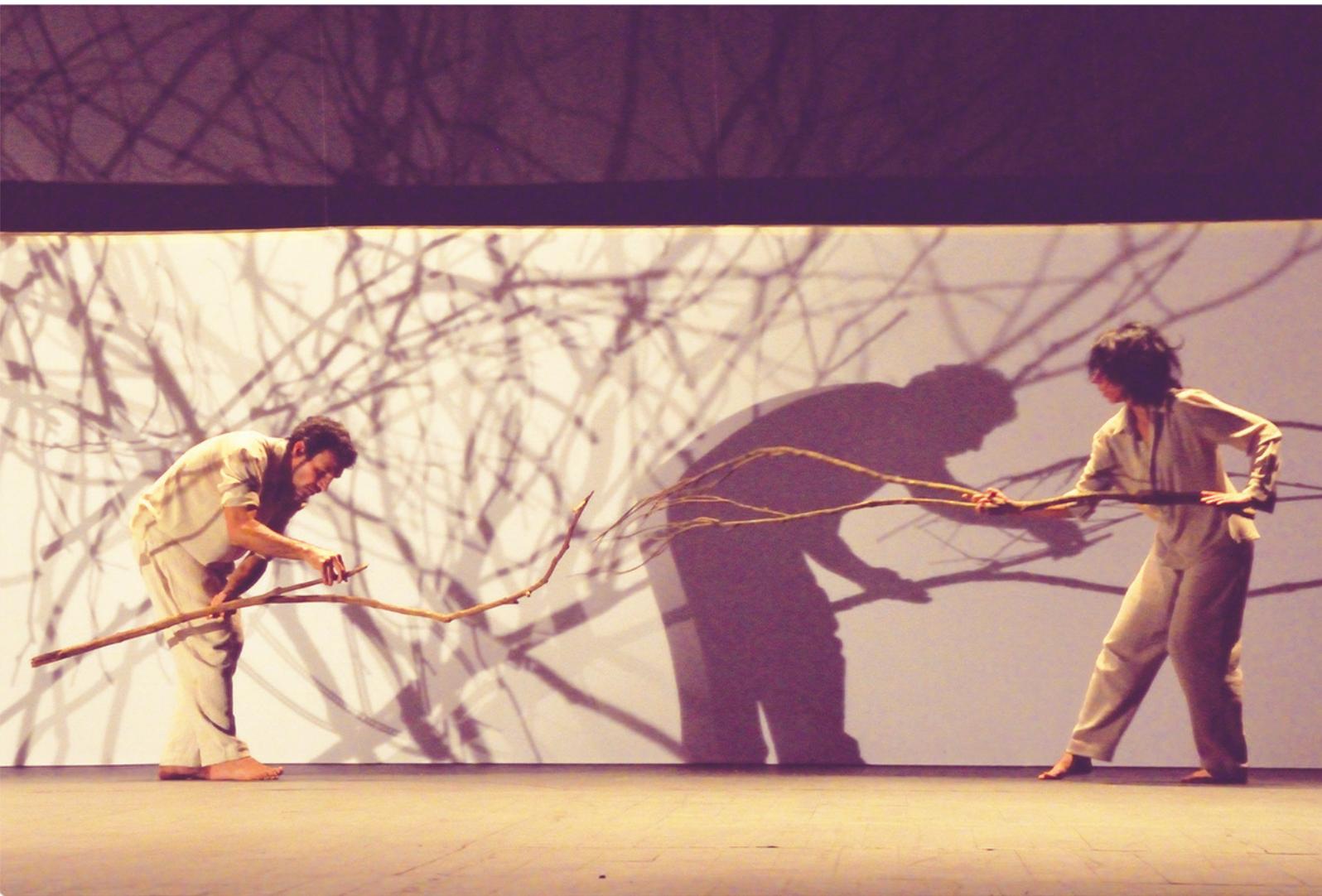
A proposição estética em jogo na trilogia Miradas do Caos se dá por meio da investigação de mediações entre o

corpo orgânico, a tecnologia e os múltiplos agenciamentos sugeridos por essa associação. Os espetáculos da trilogia exploram a interação do corpo com as imagens ao vivo possibilitada pela manipulação de vários aparatos tecnológicos, tais como câmeras, projetores e softwares como o Pure Data e dispositivos como o Kinect.

O atravessamento do caos pelos corpos, por assim dizer, se torna material de exploração estética, num experimento que coloca em suspenso o que pode um corpo nesse atravessamento. O corpo tornado imagem é uma das inspirações na trilogia Miradas do Caos, porém, o que se busca experimentar, não é uma apreciação acrítica dessa interação, mas como um afeta o outro, de forma radical na contemporaneidade.

Para cada espetáculo da trilogia, o grupo 3º Corpo, convidou um diretor de uma companhia de Belo Horizonte, exceto o Miradas do Caos #1, que foi dirigido por um bailarino do grupo. Em Miradas do Caos #2, destacou-se a participação de Dudude Herrmann, que atua há mais de 40 anos na dança, na direção do espetáculo.

O encontro do guerreiro em Miradas do Caos #1 com o caçador de Miradas do Caos #2 e com o xamã em Miradas do Caos #3 dará continuidade à trilogia.



O guerreiro, o caçador e o xamã foram inspirados na mitologia iorubá, cujos deuses são denominados orixás.

Ogum representa o arquétipo do guerreiro e é um dos mais antigos deuses iorubás. Ele teria sido pai ou irmão mais velho de Oxossi, divindade dos caçadores e irmão de Exu, mensageiro dos outros orixás. Esses três orixás são filhos de Iemanjá, divindade muito popular no Brasil. O encontro entre o guerreiro, o caçador e o xamã é uma homenagem à essas três divindades que personificam o caos e sua energia criadora em suas diversas manifestações no plano mental, físico e espiritual.

O xamã será responsável pela terceira aparição da trilogia. O xamã foi inspirado em Exu, que representa um mensageiro entre homens e deuses. Este orixá é considerado o mais humano de todos os deuses iorubás que, pela ambivalência de seu caráter, representa o indivíduo contemporâneo em conflito.

Em *Miradas do Caos #3*, buscaremos fazer um retrato do indivíduo e de como ele é, afetado pelas velocidades das mudanças em curso no seu país e no mundo. O trabalho questionará como subjetividades sobrevivem ao caos num momento de transição que projeta uma trajetória de incertezas e mudanças em curso num ambiente atravessado por distúrbios sócio-econômicos, de forma cada vez mais acelerada.

:: 3º Corpo

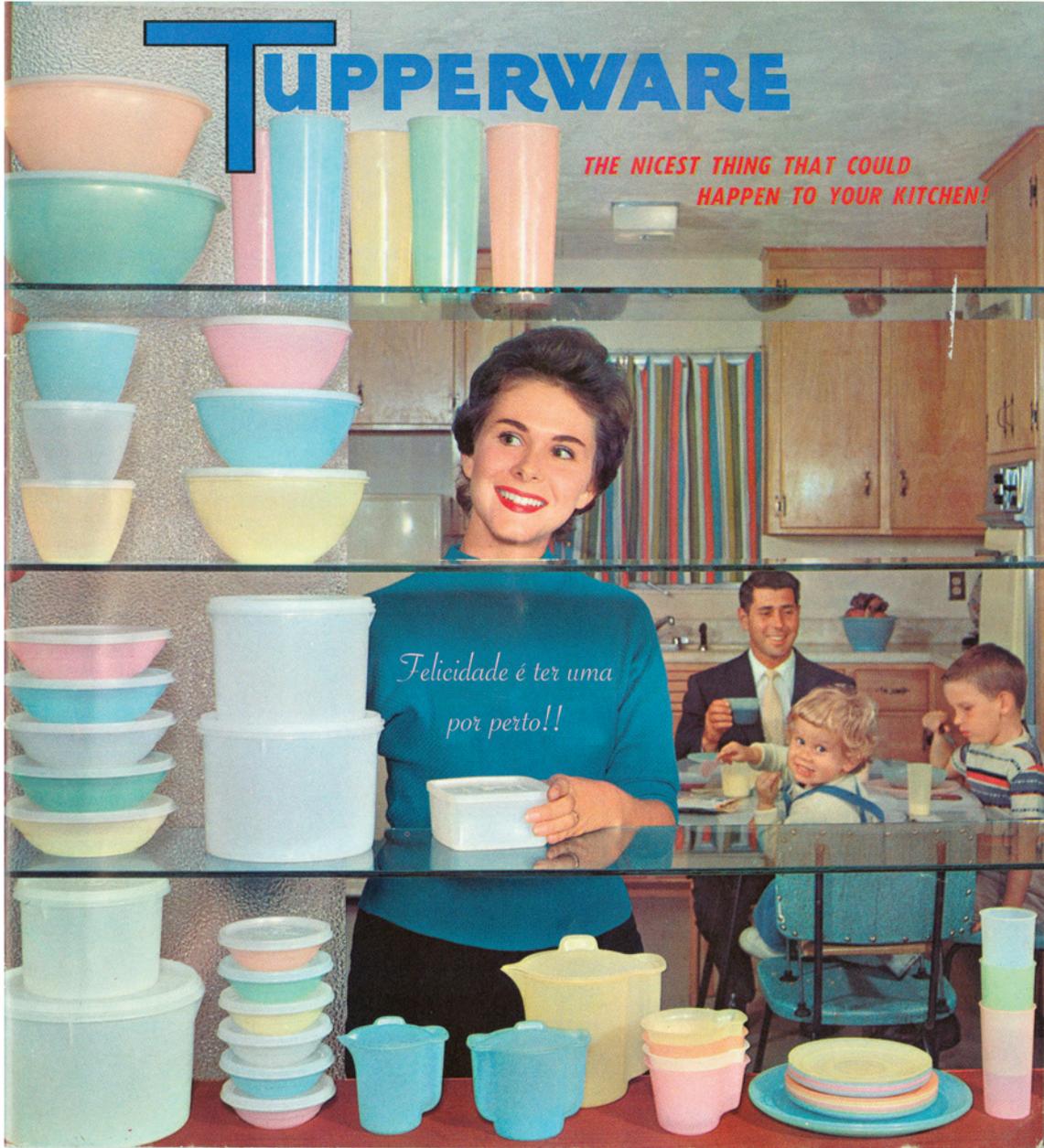
Criado em 2011, o grupo 3º Corpo se dedica ao estudo do corpo, da imagem e do movimento em interação com a tecnologia. O grupo foi inicialmente criado com o nome Cortexvisual, a entrada de novos integrantes, principalmente para a realização da trilogia *Miradas do Caos*, inaugurou a nova formação do grupo, atualmente denominado 3º Corpo. Como a metáfora de um terceiro corpo que se cria na dança mediada pela tecnologia, o grupo aborda um universo de subjetividades entrecortadas e fragmentárias. O terceiro corpo que se cria pelo corpo dos dançarinos, pelos rastros, sombras e projeções de sua imagem e pelas imagens produzidas digitalmente constitui a matéria de expressão do grupo. A formação atual conta com Fernanda Preta (dançarina), Paulo Chamone (dançarino), Luiz Naveda (designer de interação e músico) e Julião Villas (diretor de imagem).

Entre os trabalhos realizados pelo grupo, estão: *Miradas do Caos #2* (2014), *Miradas do Caos #1* (2013), *RAW* (2011), *Performance do coletivo Cortexvisual* (2007) e *W.AR.15*, com direção de Gustavo Schettino (FID 2002).

TUPPERWARE

THE NICEST THING THAT COULD
HAPPEN TO YOUR KITCHEN!

*Felicidade é ter uma
por perto!!*





CADERNETA DE IDEIAS

CADERNETA de "Idéias e Apontamentos"

- * Belo Horizonte, 13 de junho de 1999
- * Angélica Carmelo Bezerra

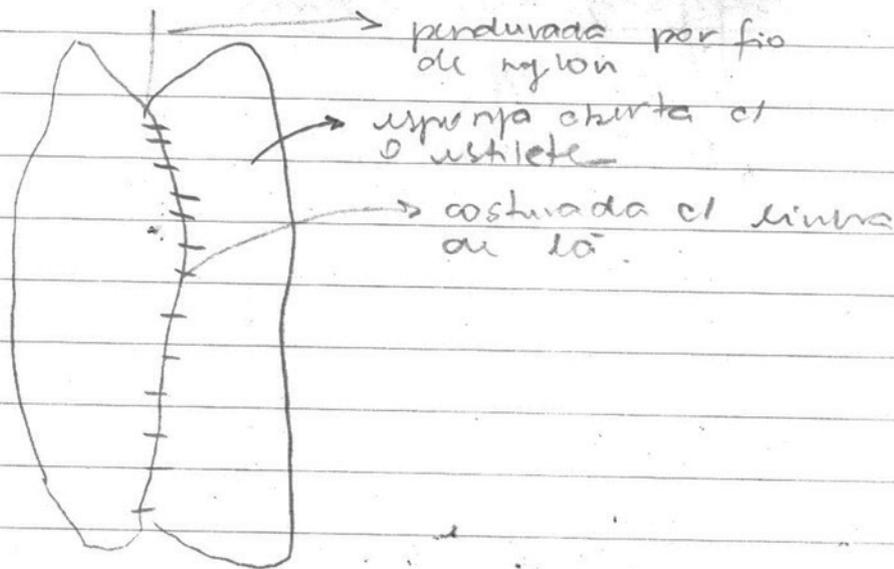
① - Instalação p. mestre da escola
guiraranda - 2º semestre de 1999.

Material → esponja de milho (mc. central)
* linha de lã - preta ou
vermelha

- * agulha
- * fio de nylon
- * estile bem afiado

Estética →

maneira 1.a









MOMENTO HISTÓRICO DAS ARTES



CAÇA PALAVRAS

CURADORA CONVIDADA

ASAXNBNBPSHJHKSBTYERPQUAILGAH
SHOEUHEAAEMWIAEOXNBNBPSHJHKS
AHTYERPQUAILGAHR ASAXNBNBPSHJ
JHKSHANKLAKSTAEGSHOEUHEAAEM
SHJHKSASAXNBNBPUNBTYERPQUAIL
AXNBNBPTYERPQUAILGAHHANKLAKS

Descubra o nome e circule com uma caneta vermelha

EXÉRCITOS VERMELHOS

Em matéria publicada no jornal O Globo no dia 26 de outubro de 2014 (dia da eleição presidencial), pesquisa realizada com brasileiros que moram em territórios palestinos e israelenses apontam que “em Israel o candidato Aécio Neves (PSDB) obteve a maioria dos votos e, entre os palestinos, a presidente Dilma Rousseff (PT). Na embaixada do Brasil em Tel Aviv, Aécio venceu com ampla margem, recebendo nada menos do que 90% dos votos (187) em Israel, contra 8% (16) de Dilma. Houve quatro votos brancos e nulos. Dos 627 eleitores cadastrados nas duas sessões eleitorais de Israel, 207 votaram.”

<http://oglobo.globo.com/brasil/aecio-vence-em-israel-dilma-nos-territorios-palestinos-14365699#ixzz3HMeWQEch>

Certamente não se trata de uma mera coincidência,

mas sim de dois acontecimentos que se relacionam sócio-politicamente e indicam - pelo mesmo por algum vestígio - o perfil do candidato brasileiro e sua posição quanto a guerra em Gaza. Contudo, não fora feito um estudo aprofundado do caso e as palavras apresentadas acima são apenas um gatilho para uma possível especulação. E independente das eleições brasileiras, as discussões sobre a guerra em Gaza é um assunto universal que precisa ser falado, questionado e constantemente aludido.

Por este caminho, destacam-se as repercussões que se fizeram presente na 31 Bienal de São Paulo e no trabalho de muitos outros artistas, como por exemplo, Ana Beatriz Elorsa e Malu Rissi, estas apresentadas nesta matéria.

PB: Isso que você diz das imagens retratadas para nós do/no Ocidente é muito importante. Muitas pessoas



infelizmente acreditam que a guerra em Gaza é contra o Hamas. Ideia que segue a mesma linha de pensamento do governo dos EUA, que justifica os ataques ao Iraque e Síria como se fosse uma guerra contra o terrorismo. Neste sentido, as imagens que você apresenta em Estado passam por um recorte que retira a noção de território da imagem e deixa apenas o bombardeio em si. Com este processo você descontextualiza o território de Gaza, podendo ser outro lugar no Ocidente. E até mesmo o título do trabalho segue a mesma linha, sem dizer qual estado que você está se referindo. Você poderia falar um pouco sobre este processo e sobre o que é Estado para você neste contexto.

AB: Acho interessante começar falando da escolha do título, por esse caminho penso que conseguirei construir minha fala de forma mais clara (espero). Estado tem como matéria prima imagens dos bombardeios em território palestino, são em si fotografias de paisagens,

que me aproprio e seleciono apenas os cogumelos da explosão.

Assim, minha coleção é na verdade do momento do impacto, do instante em que o que era sólido - e vivo - vira pó. O instante da violência, perversidade e realização (da desconstrução) é minha intenção de investigação primeira com essas fotografias de agências de notícias, e este - não por acaso - estado de destruição no seu instante definitivo.

Estado - como sinônimo de condição, situação - do que é atingido pelo impacto da bomba que existe para afirmação de um e supressão de um outro Estado (nação). Logo, um jogo com a palavra título que se resinifica em cada uma das camadas da pesquisa, até mesmo na consciência sórdida de que o projeto necessita ser uma coleção, já que o território de Gaza tem permanente seu estado (condição) alterado.



PB: Você pode explicar o processo do trabalho, para entendermos melhor de onde vem esta coleção e como é feito o recorte na imagem.

AB: Durante os ataques mais intensos a Palestina neste ano eu andava pesquisando como criar pequenos explosivos caseiros à serem disparados para criar o efeito de cogumelos de fumaça em pequena escala, postos diante de um espaço indefinido - sem a demarcação da linha do horizonte - afim de fotografá-los, focando apenas na série de impactos, a violência da explosão.

Ao mesmo tempo voltei meu olhar aos ataques e as centenas de imagens que eram publicadas diariamente. Nelas toda a minha busca pelo momento da explosão existiam, os cogumelos estavam ali existindo nas fotografias de Gaza.

Assim, comecei por coletar as imagens, que encontrava

em pesquisas na internet, dos ataques aéreos efetuados por Israel contra a Palestina; este banco de imagens - que formei ao longo de mais ou menos um mês (entre julho e agosto deste ano) - formado por fotografias, praticamente instantâneas ao momento das explosões, foi o ponto de partida para perceber que, sem o horizonte, eram imagens análogas àquelas pretendidas em meu projeto inicial.

Contudo, estas imagens tão imbuídas de história, ao tornarem-se tão abundantes em todo e qualquer tipo de mídia, carregam uma equivalência formal que as transformam em uma só imagem representativa de todo conflito.

Assim, ao retirar o horizonte, anula-se a referência espacial que nos ajudaria a identificar as suas procedências históricas, ao mesmo tempo que pretendo evidenciar a unidade entre essas imagens - cogumelos de bomba - afim de expor esse labirinto infinito que é

o próprio conflito. E de dimensionar - por se tratar de uma série contínua - o ataque sob o povo palestino.

PB: Por curiosidade, você conseguiu criar pequenos explosivos caseiros?

AB: Não, na verdade meu interesse por criar esses pequenos explosivos acabou quando percebi que o que queria com eles já habitava a coleção de imagens, e junto mais um universo de questões que gosto de discutir, então os caseiros perderam sentido. E depois desse ponto só me pareciam primeiramente ingênuos.

PB: Semana passada me deparei com a notícia de que já é possível fabricar em casa sua própria AR 15, e que o lançamento da máquina que é capaz de produzi-la deve ser distribuída até o natal! Uma notícia que deveria ser assustadora, mas que nos lembra que já era possível fazer armas em uma impressora 3D,

como se tratasse da evolução natural das coisas. Hoje tenho a impressão que nada mais pode chocar. Ou até pode por 5 segundos, mas depois as coisas tornam-se normal, banal. Como se fosse mais uma imagem de guerra, mais uma arma que se pode fabricar em casa, mais uma pessoa que foi brutalmente assassinada, mais uma mulher violada, sempre mais um....

AB: Pois é, lembro de ter ficado com um misto de fascinação e medo quando descobri que as impressoras 3D estão cada vez mais acessíveis, ao ver as primeiras armas sendo testadas só ficou angustia. E compreendo que vivemos em uma sociedade que o abalo dura muito pouco, e é este ponto que acredito ser mais assustador. Contudo a minha posição pessoal e política vai muito de acordo com a sua indignação, mas uma coisa que não posso deixar de me questionar é a produção dessas armas “caseiras” em território norte americano.



A indústria armamentista americana e a vasta distribuição de armas no merassustadora (por nos lembrar da violência que agora é possível) nos permite pensar na possibilidade de uma afronta a indústria, descentralizando-a.

Reforço em dizer que sou contra a própria ideia de violência, implícita na posse de qualquer tipo de arma, mas que esta cultura passa primeiramente pela centralização do poder de fabricação na indústria e na própria política econômica americana. Como um círculo vicioso que gera uma cultura popular cheia de referências às armas e à violência. E esta, sim, me interessa pelas imagens e literatura que germinam em seu interior. Minha posição sobre ela é absolutamente crítica; quando me refiro ao processo que levou ao desenvolvimento deste trabalho, indico que nada daquela cultura vasta de imagens deve passar despercebida.

PB: E a partir deste ponto, por qual caminho que seu trabalho está indo?

AB: Não sei te responder com clareza, por que por mais que me coloque em uma posição em que fico confortável tendo o controle do que vou produzir, sei que na realidade tenho o controle - e construo caminhos - do que vão dar em trabalhos, com é o caso da coleção de Estado. Não sabia até onde aquela série de imagens iria me instigar a me apropriar ou apenas decantar no meu HD, mas instigou.

Assim para próximos passos, não sei, continuo colecionando imagens, de retratos fotografados por mim de cavalos vagando em estradas até o que se pode fazer com 1999,00 dólares (que é o valor de compra das armas de fogo feitas em impressoras 3D que falamos aqui).





ARTISTA EM FOCO



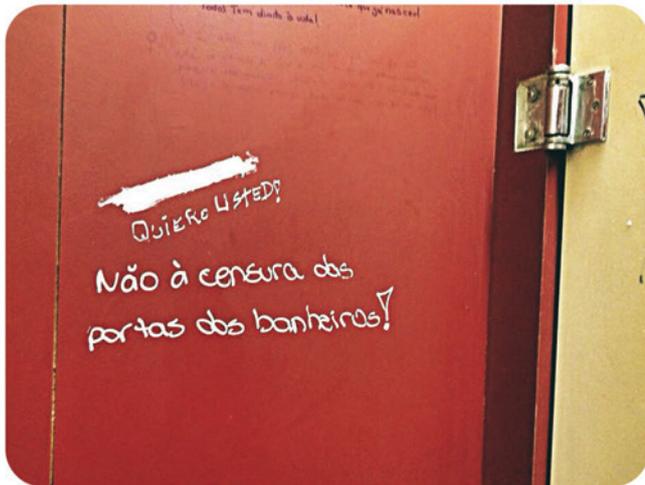


@Lemonos





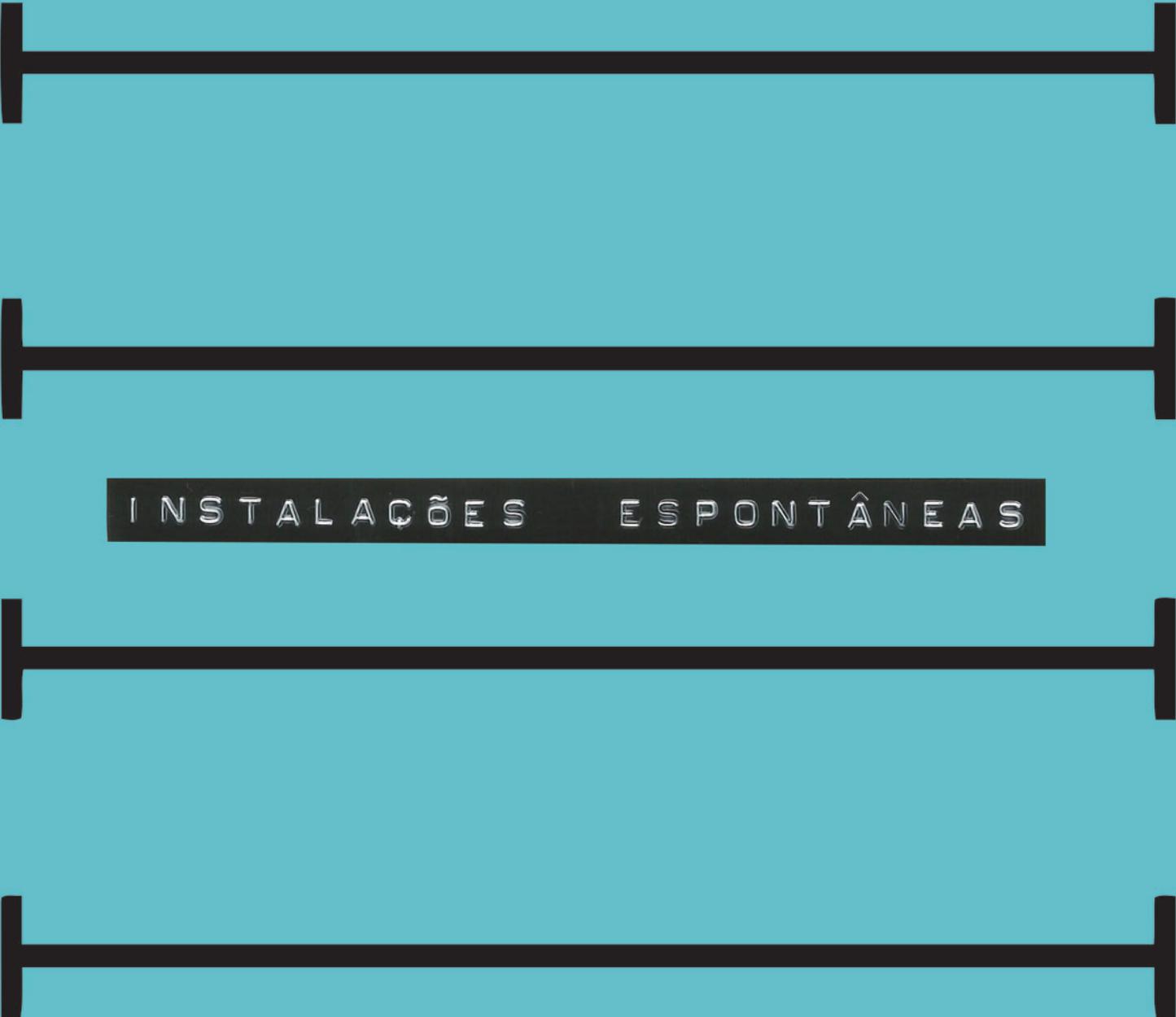
L I T E R A T U R A D E B A N H E I R O





ESPACO CARIMBO

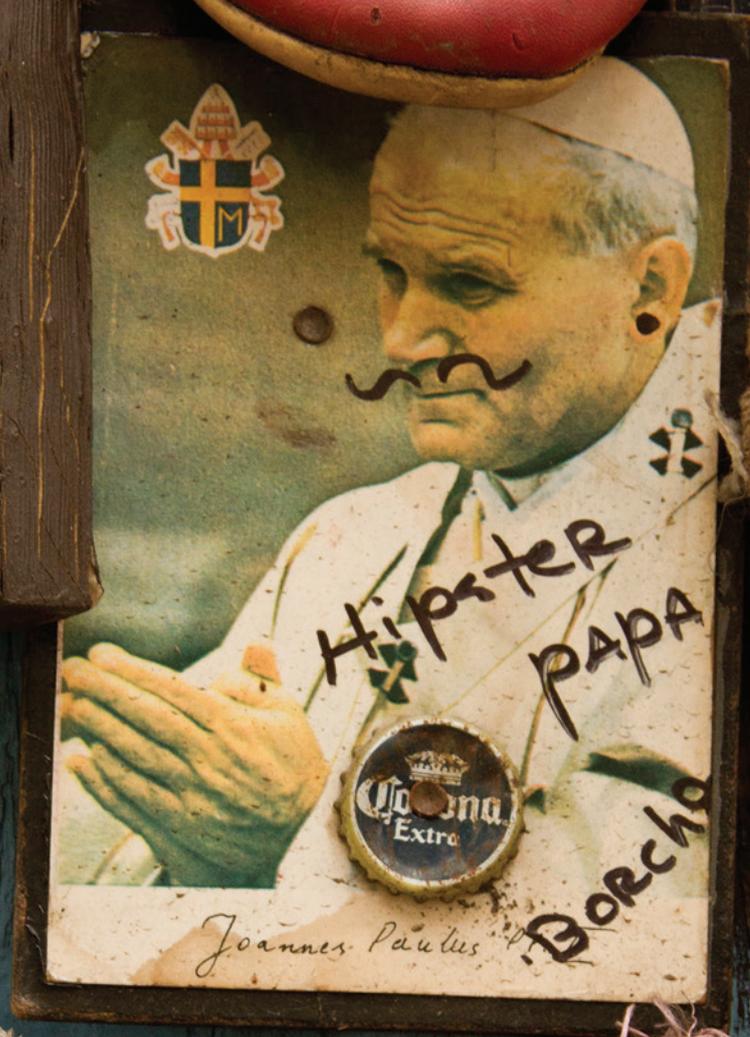




INSTALAÇÕES ESPONTÂNEAS









BREWERY





ESCOLARES

Venta de
Cafeceras
1988-89

COLOPOR COLOPOR

Venta de
Cafeceras
1988-89

0A101



4



No futuro,
todo mundo
será curador por
15 minutos.

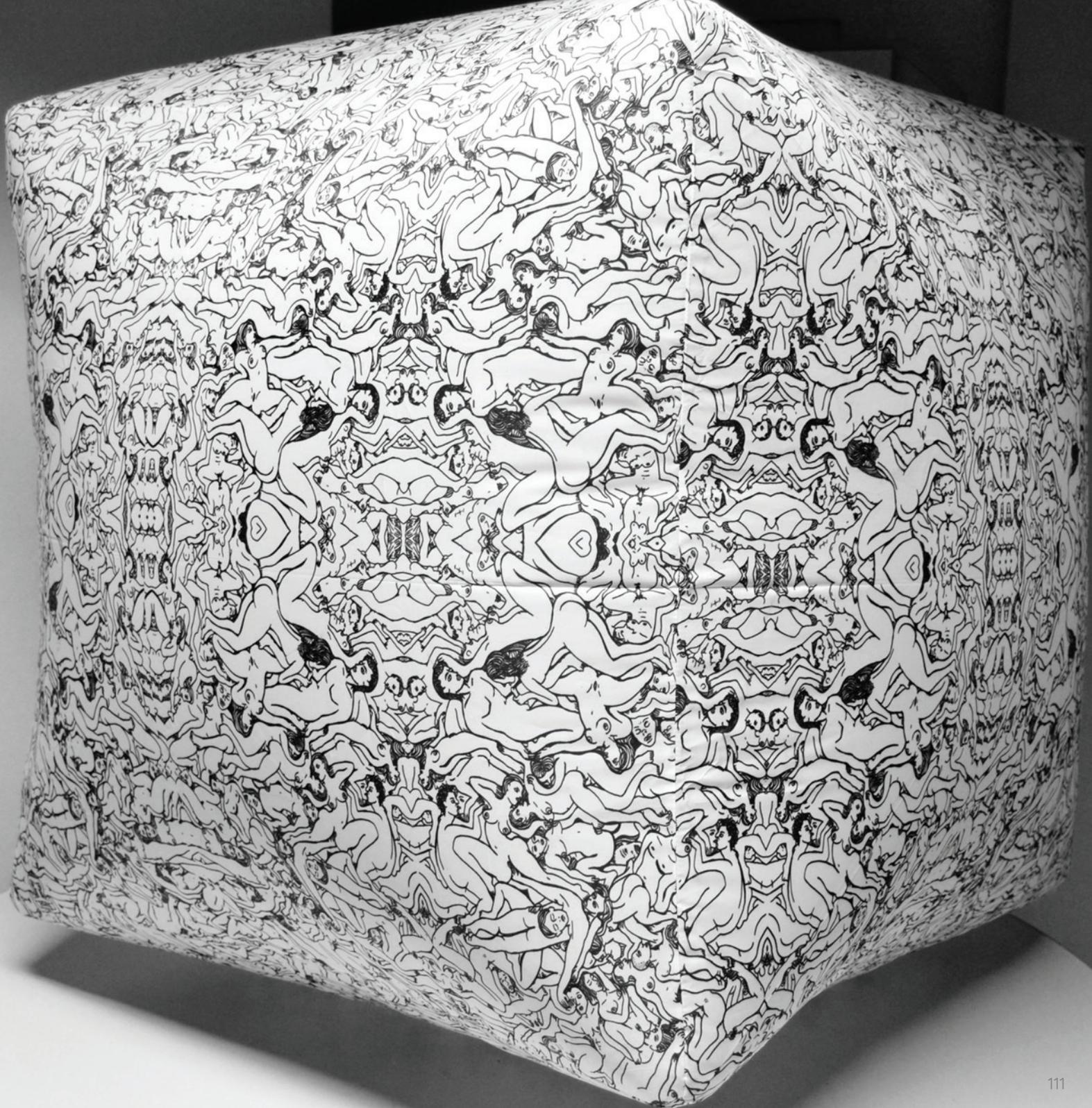
I used to be a
conceptual artist,

but i am ok now.





ESPAÇO INFLÁVEL



EDITORIAL

The mini gallery was born in November 2007 as a place dedicated to contemporary art in the city of Belo Horizonte. Designed by visual artists Angelina Camelo and Clara Valente, the space was initially thought to produce (open workshop) while exposing works of art (gallery). With the main objective to promote and disseminating the work of a generation of artists who had been working in the visual arts scene and had few opportunities to hold exhibitions, like a select few, a minority enjoyed. Group and solo exhibitions, lectures, exchanges between artists and galleries, interventions in public spaces, projects have been widely developed in the five years that the gallery kept the physical space in four separate addresses.

In 2015 the mini draw up a new but old project: to unfold in a printed version a group of employees from different areas (visual arts, literature and curated) were

invited to the first edition of the magazine. A space for experimentation languages, for irreverence, fragmentation and irony.

Throughout the drafting process, many ideas came up every time, and the biggest challenge, became just track and compile all this material and make it tactile and real. With sense or not.

For this edition, a section for each guest was thought. These sections serve as guiding proposals, such as windows, as exhibition space. The sections will be repeated (or not) with each new edition.

TABLE OF CONTENTS

Cover Artist: Flora Assumpção - Artist represented by the gallery Emma Thomas - São Paulo - Brazil "PISCINA III", POOL III (2013 crystal resin and vinyl 5x18x18cm approx. Photo: Flávio Lamenha) www.floraassumpcao.blogspot.com

1 Cover (Flora Assumpção)

2 Editorials

3- Crochet art (SuzanaMassini)

4 Interview with Artist: JoãoMaciel - Artist Atelier

SKETCHES / SCRIBBLE AND CROQUIS / ARTIST NOTEBOOK

5- Registered Photo (Carolina Santana)

6 - Handcraft: Painting in Dish Cloth (Selma Andrade).

7 Independent Space (MIME magazine), ("ColetivoMaça de Peito" - Project: "Todomundosabedesenhar", Everyoneknowshow to draw - Graphic Practice).

8 - VISUAL POETRY (Ana Martins Marques).

9- "Releitura" (work: Joseph Beuys: Fettstuih - Fat Chair, 1964 by Clara Valente).

10 - Puzzle Pages: painting- Ronaldo GROSSMAN "O homem de areia", Sandman",

2010 Oils / MDF - 1.44 x 1.44m - Collage: Rafaela Ianni. Don't You See Me? - 30cm x 20cm - 2014 -Photography / Installation - "TartarugaFeliz", Happy Turtle - 2014.

11- "Fala-se de...". Talking about... (dance: GrupoTerceiro Corpo).

12. Tupperwarevintage merchandise.

13. Handbook of Ideas (Angelina Camelo).

14. Art's historical moment ("Ecce Homo", Cecilia Gimenez) printing in slice of bread.

15- Crosswords: Curator Guest - Paula Borghi - Ana Beatriz Elorsa and MaluRissi.

16. Artist in Focus: Shima.

1 and 2: Hierarchy - Rio de Janeiro - RJ, 2014 - Photo: Thiago Lemos

3 and 4: Defenestra - Rio de Janeiro - RJ, 2014 - Photo: ThiagoLemos Performance /Rio Art Museum (MAR).

17- Stamp Space: Raquel Schembri.

18- Bathroom Literature: Baths of Fafich (UFMG).

19- Spontaneous Facilities: (Open Call - selected: Guille Suarez, Juliana M. M. Soares, Pedro Angelo, Pedro Pessoa, RenataCarvalho, ThallesPessoa, Denis Fujito (guest artist).

20- Inflatable Space (Fernando De La Roque).

21- BACK COVER (Marcelo Comparini, "TresRomanonaPiscina", oil on canvas, 40cm x 30cm, 2013.

21- Detachable Postcards (Mariana Abasolo, w/o title, illustration).

14 -BACK COVER (MARCELO COMPARINI).

15- DETACHABLE POSTCARDS (Mariana Abasolo-w/o title - Illustration - 2014).

Interview whit the artist: João Maciel

When have you decided to be an artist?

Consciously, I chose this path when deciding entrance exams for a course in arts.

Which side of art that most fascinates you?

the sides are many and the arts as well. The fact that art can have several sides and senses is what fascinates me most in each spectrum is something that touches me in some way.

Acrylic, tempera or oil ?

Until now it was more acrylic and little tempera. Not oil, has good results but is slow.

Is it hard to be an artist in Brazil?

Just if you are not from Rede Globo.

What projects are you most proud of having been part?

There are several , but I will quote the installation project I conducted in the Last Two Years of 2013 and 2014 , the Phosphorus residence, Funarte Prize and the Noturno de Museus 2014(like Nuit Blanche in Paris) at Museu Mineiro. We must develop tridimensionais and two-dimensional work.

Is there any work you have not done yet but you would like to do?

Yes many. Many ideas exist, the question is to transform them into realization. There are ideas for drawing, painting, sculpture, installation, objects , furniture, clothing , songs, choreography, architecture, etc.

Which artist has influenced you more?

Maybe the problem is to know who was the first, as we often have contact with the achievements that touch us at the first time, we have no awareness of what is, where it comes from or by whom it was made, but the experience influence us. Thinking more clearly, I could say that a picture in which I recognized myself and touch me in an important moment on my way was Basquiat, see that movie based on his story was amazing, that was in 1998, the year I started my studies at Guignard School.I've been working with images of nude in different landscapes. The content is fully related both to abandonment and to the body poetics that is almost symbiotic to the landscape, to the naturality of movements and to the difficulties found to express our internal feelings. The standardization of our habits tends to restrain our body relationship in a society that still associate nude with something erotic, once its spontaneity in the past was gradually undermined by the need for clothing as social rules, not only to protect, but also to hide the body. From a series of photographs that was performing in 2013 in Belo Horizonte's downtown, where I photographed decadent architecture and characters of the city, my curiosity grew to every incursion by Guaicurus street, so I set out to portray also what the reason the street is known. That same year I decided to photograph some women, prostitutes in their working place, and searched a way of entering in the rooms at the famous hotels of the street to make the photos. I tried to photograph these women in the most poetic and delicate as possible. The intention is to show their bodies without the facial physiognomy, bringing out what is beyond the skin, exposing their weaknesses and demonstrating in body language these emotions.

The use of the same body as mere object of pleasure and desire is counterposed by the delicate manner in which the bodies are placed in the photographs. So what you see are people with feelings as soft as any other, taken by personal issues, from various orders, they chose this profession for their lives.

The first exhibition of this work was the event " Puta Dei " in 2014 ,

where images were projected on Guaicurus street, an invitation of Aspromig – Prostitutes Association of Minas Gerais. This event is held in several cities in Brazil every year in order to discuss legal issues, promote debates, artworks and reflections related to the job of these women.

MME is a magazine about gender and sexuality printed on a mimeograph. This name is a reduction of mi of mimeograph, that old equipment runned by alcohol, carbon and human force that was used in school to make copies , and we will not use here to reproduce papers but so to deconstruct them, to circulate ideas, words and images of what you wish. The desire is very relevant.

MME exists since 2015. It arises from the desire to build other networks, other designs, other representations, starting from the proposal made by Cecilia Silveira, Bruno Oliveira and Cicero Oliveira, to make a publication using a mimeograph. To them joins Victor Tozarin to complete the group. The circulation of Franzine will be made by post, initially, and then web, such as network building exercise . But the gender and sexuality (if they exist) are large, difficult concepts to define. To produce mimeographed fanzines, what interests us is the performative character of this work.

The reproduction made by mimeograph produces a cheap copy, the technique (matrix, copy) is poor, but that precariousness makes us with no classification. On the one hand we want to distribute copies around, the movement produces (and reproduces) the printed sheets of mimeograph want to enable parallel networks, not binary attitudes : every copy is unique, each printed zine is one, since our parent is imperfect.

MIME will turn your crank every six months, receiving contributions from all over the country (and beyond), and launch the world - without gender.

The fanzines, as we know, are divergent exercises that react against mass culture - and the mimeograph was one of the equipments commonly used on the reproduction of this kind of vehicle around the world. At one extreme, a leaf - a matrix- in which is written images of what is intended to reproduce in the other a blanked page. This is a precarious technique for production of cheap copies : just the human strength by turning a crank. Printed sheets had all kinds of registration and having been widely used in schools and universities until the mid- twentieth century. The mimeograph has long been used by authors of Marginal Poetry in the 1970s (knowing , in fact, as generation mimeograph) , with the participation of the writers like Leila Miccolis, Waly Salomão , Ana Cristina Cesar, Zulmira Ribeiro Tavares, Roberto Piva, among others. Progressively the mimeograph - like us - was being put aside and replaced by more modern equipments, with better performance and fidelity in the reproduction of "originals".

At a time of world history in which the value of images is measured

by the amount of information, definition or any system that causes an impression, where information circulates in our pockets and purses (smartphones, tablets), and where everything may not fall apart, but the air circulates, why going back to use an obsolete instrument as the mimeograph to reproduce and circulate speeches?

Degenerating the image, the word, the body, our bodies and lives keep traces, marks and scars that shape us, or try to mold us, even though we do not know the cliché which they left. From the beginning, and every moment, they seek to transform us into true copies "of his image and likeness" a certain God would have generalized everything and everyone, creating man and woman. We – which are not divine nor created by anyone, unfaithful and that we are neither men nor women – we were coined in a mimeograph and in besides the purple, alcohol smelling, we are imperfect, weird - queers. What drives us are human arms spinning cranks that make similar spots (but so different and odd) on paper, the determination to be visible in places that no longer belong to us, the aesthetic inadequacy, confusion between hegemonic signs and subordinates, the practice of resistance. Our papers are multiple, with different textures, shapes, colors, sizes, grammar - all of them interchangeable and precious. The wheel spins, stain, print, however, does not hurt: we want first of all, scribble this blank paper, but do not make him a document, a contract, a rule, but before, a work.

Zine MIME <http://zinemime.tumblr.com>

Everybody knows how to draw is the name of an action proposed by apple brest (typical Brazilian food – meat). A day at Liberty Square collecting drawings of passersby. The choice of subject was random: a chicken, a mixer and a blender. The drawings were produced immediately by those involved. Secondly, the draws were enlarged and glued on city walls, displacing them from their original context and placing them in different urban contexts, dialoging with the city and producing new meanings.

- Establish a dialogue between the direct and spontaneous graphic representation and the poetic and subjective content that these graphic records may come to be characterized.

- Discuss the design relevance of contemporary culture, especially produced by random people with capacity to produce a drawing.

- Propose a drawn, something distant and restricted to a portion of society "creative and talented" as "common place", that is accessible

and possible for everyone, from the moment it is inserted in the urban context through an "exercise of graphic practices."

Gardens Book of Poems

Capital gain, you know, planting a garden than writing poems about gardens with the garden you learn how things crave concentration, dispersion the insistence the joy of the new occupations rains over the garden and you think: the report on the shape the syntax twisted language and clear words- Figures foliage - there are flowers that drool who devours insects smoking flowers flowers that adorns the death and more death capital gain, you know, planting a garden Also the table Of lath two chairs peeled the old bench of wood the watering can forgotten in a corner- All your furniture Of garden - They seem to be born in here and just wait the spring to flower I read in a magazine that Maria Martins when she is a child stuck flower seeds in every orifice of her face She thought and said having a face covered in flowers would make her special since she has never seen before a face covered in flowers a face that is a garden

dandelion

To learn with some flowers for whom being it is spread out and in a breath come losing

Rose

Flower that hurts on your own thorn - Rose, rose - who is wounded in love wound up alone

:: Miradas do Caos - a trilogy

Visions from Chaos is a trilogy that explores the poetic of chaos nowadays performed by the 3^o Corpo, a group formed by multidisciplinary artists. The trilogy explore the interaction of dancers with images and sounds lively created during the presentation via mapped sensors and projections. Display chaos as poetic form. Thus goes the 3^o Corpo group in Miradas Chaos # 3, last spectacle of a trilogy crossed by chaos in the contemporary world, the instability it promotes, by chance and the unpredictable. After the first performance which focused on social relations and Visions from Chaos # 2, at environmental issues, Visions from Chaos #3 will address chaos to an individual's perspective. The work is in creation process.

:: Aesthetics, body and technology

The aesthetic proposition in Miradas Chaos trilogy occurs through the mediation of investigation between the organic body, technology and multiple assemblage

suggested by this association.

The trilogy of performances explore the body's interaction with live images made possible by the manipulation of many technological devices, such as cameras, projectors and software like Pure Data and devices like Kinect.

A crossing of chaos by bodies, so to speak, becomes esthetic material exploration, by an experiment performance which places in suspension, what can a body in this trip.

The body as image is one of the inspirations on the trilogy Visions from Chaos, but what we seek to experience, it is not an uncritical appreciation of this interaction, but how one affects the other, radically nowadays.

For each spectacle of the trilogy, the group 3º Corpo invited a director from different dance company in Belo Horizonte, except for Visions from Chaos # 1, which was directed by a dancer of the group. In Visions from Chaos # 2, there was the involvement of Dudude Herrmann, who acts for over 40 years in dance, in the direction of the spectacle. The meeting between the warrior in Visions from Chaos # 1; the Hunter in Visions from Chaos #2 and the shaman in Visions from Chaos # 3 shall continue the trilogy. The warrior, hunter and shaman were inspired by the iourubá mythology, whose gods are called orishas. Ogun, Oxossi and Exu are children of Yemanjá, very popular deity in Brazil. The meeting between them is a tribute to these three deities who personify the chaos and its creative energy in the mental, physical and spiritual manifestations.

The shaman is responsible for the third apparition in the trilogy. The shaman was inspired by Exu, who is a messenger between men and gods. This deity is considered the most human of all the Yoruba gods, the ambivalence of his character, represents the contemporary individual in conflict.

In Visions from Chaos # 3, our aim is to make a picture of the individual and how it is affected by the changes speed taking in the country and the world. The work will question how subjectivities survive the chaos in a time of transition that projects a path of uncertainty and changes taking place in an environment crossed by socio-economic disturbances, at an increasingly rapid pace.

:: 3º Corpo

Created in 2011, the group 3º Corpo is dedicated to the study of body, image and movement interaction with technology. The group was initially created with the name Cortexvisual, the entry of new members, especially for the realization of the trilogy Visions from Chaos, inaugurated the new formation of the group, now called the 3º Corpo. The metaphor of a third body which is created with the aid of new technologies on performances mediated by technology intends to address an universe made of

crossed and fragmented subjectivities.

The third body that is created by the body of performer, the traces, shadows and projections of its image and the digital images constitutes the expressive materials of the group. The current formation includes Fernanda Preta (dancer), Paul Chamone (dancer), Luiz Naveda (interaction designer and musician) and Julião Villas (image director).

Works (3º Corpo):

- Miradas do Caos #2 (2014) / Dance, director: Dudude Herrmann.
- Miradas do Caos #1 (2012) / Dance, director: Paulo Chamone.
- RAW (2011) / Performance/ School of Fine Arts / UFMG.
- Cortexvisual (2007) / Performance.
- WAR.15 (2002) / Dance / FID 2002, director: Gustavo Schettino

In an article published in the newspaper O Globo on October 26, 2014 (day of the presidential election), survey made to Brazilians living in the Palestinian territories and Israelis point out that "in Israel the candidate Aécio Neves (PSDB) won a majority of votes and among the Palestinians, President Dilma Rousseff (PT). At the embassy of Brazil and Tel Aviv, Aécio won a wide margin, receiving no less than 90% of votes (187) in Israel, against 8% (16) of Dilma. There were four blank and null votes. By the 627 registered voters in the two polling stations of Israel, 207 returned.

Certainly it is not a mere coincidence, but two events that relate socio-politically and indicate – at least for some vestige – the profile of the Brazilian candidate and his position on the war in Gaza. However, it has not been made a thorough study of the case and the words presented above are just a trigger for possible speculation. And regardless of Brazilian elections, discussions about the war in Gaza is a universal issue that needs to be talked about, questioned and constantly alluded.

By this way, there are the repercussions that was present on 31 biennial of São Paulo and the work of many other artists, such as Ana Beatriz Elorsa and Malu Rissi.

PB: What you say about the images portrayed for us in the West is very important. Many people unfortunately believe that the war in Gaza is against Hamas. Idea that follows the same line of thought of the government of USA, justifying the attacks on Iraq and Syria as if it were a war against terrorism. On this way, the images presented go through an edition that removes the notion of territory image and just let the bombing itself. With this process you decontextualizes the territory of Gaza, and may be elsewhere in the West. And even the title of the work follows the same line, without saying what state you are referring to. You could talk a little about this process and what is

state to you in this context.

AB: I find interesting to start talking about the choice of the title, that way I think I'll be able to build my speech more clearly (hopefully). State has feedstock images of the bombings in Palestinian territory, are themselves landscape photographs, which I appropriate and select only the mushroom's explosion.

So, my collection is actually the moment of impact, the moment that was solid - and alive - turns to dust. The moment of violence, wickedness and realization (of deconstruction) It is my main intention of investigation with those photos of news agencies, and this - not by chance - Destruction in the definitive instant.

Physical state - as a condition, situation - what is achieved by the impact of the bomb that exists to affirm one and suppression another State (nation). So a game with word title that has a new meaning in each of the layers of the research, even in the sordid consciousness that the project needs to be a collection, since the territory of Gaza has its permanent status (physical) changed.

PB: Can you explain the process of work, to better understand where this collection comes from and how the image clipping is done.

AB: During the most intense attacks on Palestine, this year I've been researching how to create small homemade explosives to be triggered to create the effect of smoke mushrooms on a small scale set before an undefined space - without the skyline of demarcation - in order to photograph them, focusing only on the number of impacts, the violence of the explosion. At the same time my eyes looked back to the attacks and the hundreds of images that were published daily. Then all my quest for the explosion moment existed, the mushrooms were there existing in Gaza photographs. So I started to collect images that I found on the internet, of the air attacks by Israel against Palestine; This bunch of images - I stocked up for over a month (July and August of this year) - consisting of photographs, virtually instantaneously of the moment of the explosions, was the starting point to realize that without the horizon, were analogous images to those required in my initial project.

However, these images so imbued with history, to become so abundant in any type of media, carry a formal equivalence that turn them into a single representative image of the entire conflict.

Thus, by removing the horizon, the spatial reference is annulled which would help us to identify its historical origins, while I intend to show the unity between these images - bombs mushrooms - in order to expose this endless maze that is the conflict itself.

And the dimension - because it is a continuous series - the attack on the Palestinian people.

PB: Have you created small homemade explosives?

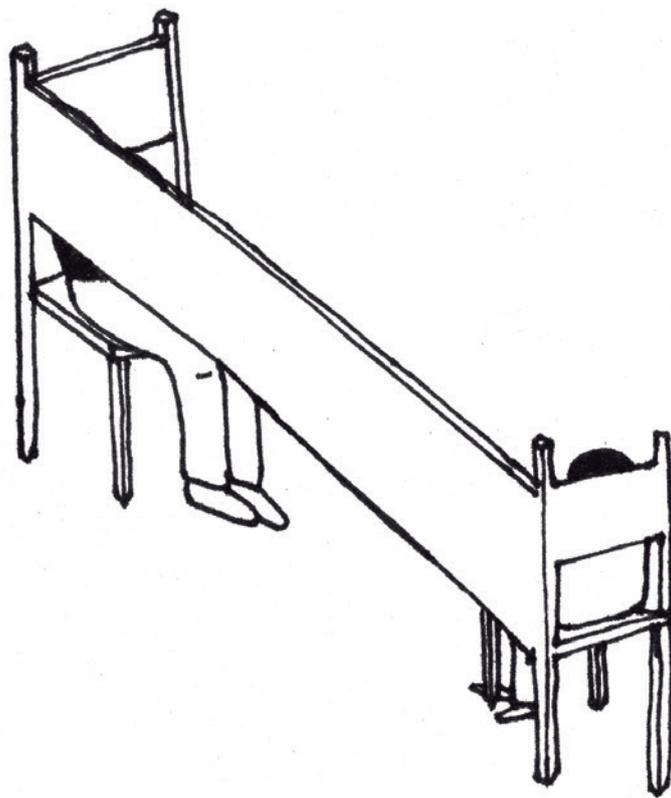
AB: No, actually my interest in creating these small explosives over when I realized that what I wanted with them had no sense anymore as I got a collection of images, and with over a universe of questions I like to argue, then the homemade lost sense. And after that point only seemed primarily naive.

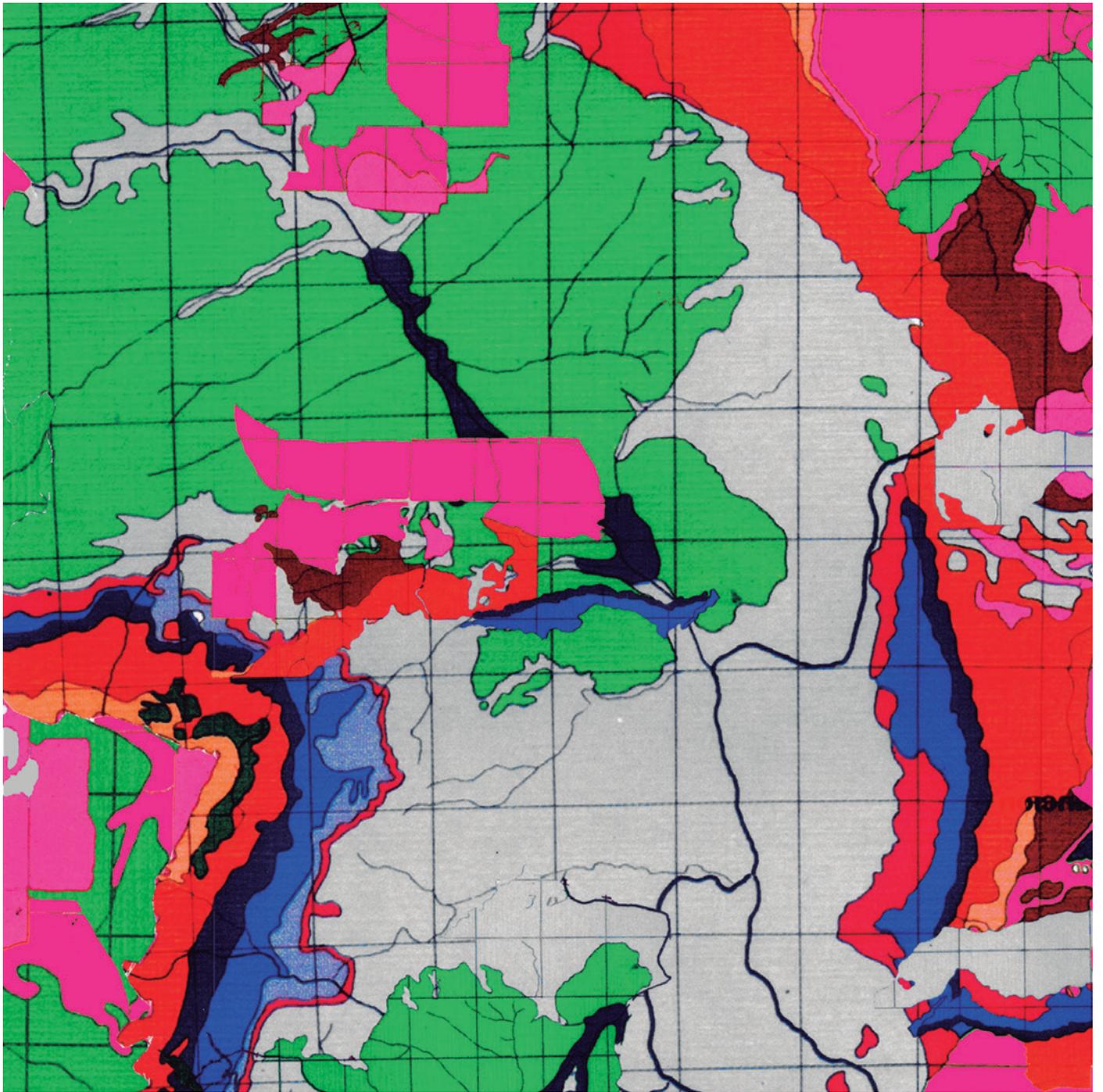
PB: Last week I came across the news that it is possible to make your own AR15 at home, and the launch of the machine that is able to produce it should be distributed until Christmas! Something that should be scary, but it reminds us that it is already possible to make weapons in a 3D printer, as if it were the natural evolution of things. Today I have the impression that nothing can shock. Or even can for 5 seconds, but then things become normal, banal. As if it were another image of war, another weapon you can make at home, another person who was brutally murdered, another woman raped, always another.

AB: Well, I remember being with a mixture of fascination and fear when I discovered that 3D printers are increasingly affordable, to see the first weapons being tested is so distressing. And I understand that we live in a society that the shock is short-lived, and it is this point that I think is scarier. But my personal position and political will it is the same of your outrage, but one thing I cannot leave off is the production of home-made weapons in North American territory. I emphasize again that I am against the idea of violence implicit in possession of any weapon, but this culture involves first the centralization of power in the manufacturing industry and own American economic policy. Like a vicious circle that generates a popular culture filled with references weapons and violence. And this, yes, I am interested by the images and literature which germinate inside. My position on it is absolutely critical; when I refer to the process that led to the development of this work I, indicate that nothing from that vast culture of images should be passed by.

PB: And from this point, which way your work going?

AB: I do not know to answer clearly, even if I put myself in a position where I'm comfortable and having control of what I produce, I know you actually that I have the control - and build trails - than go to work in, as is the case of the collection of state. I didn't know how far that series of images would incite me or just settle on my HD, but instigated. So for the next steps I do not know, I will keep collecting pictures, portraits photographed by me, horses wandering off through roads, and even what you can do with \$ 1,999.00 (which is the purchase price of firearms made in 3D printers that we have spoken here).







Agradecimentos:

Aos artistas envolvidos nesta primeira edição: Flora Assumpção, Suzana Massini, João Maciel, Carolina Santana, Selma Andrade, Cecília Silveira, Bruno Oliveira, Cícero Oliveira, Ana Martins Marques, Livia Arnaut, Clara Valente, Ronaldo Grossman, Rafaela Ianni, Tartaruga Feliz, Fernanda Preta, Julião Villas, Cecília Gimenez, Paula Borghi, Shima, Raquel Schembri, Guille Suárez, Pedro Ângelo, Pedro Pessoa, Renata Carvalho, Thalles Pessoa, Denis Fujito, Fernando de La Rocque, Marcelo Comparini e Mariana Abasolo;
À Clarice Lacerda, Otávio Santiago e Clara Canepa (pela indicação da Suzana Massini na seção Espaço Crochet).

Tradução de textos: Adriana Polati

Coelaboração de projeto gráfico: Mariana Tavares

Esta revista foi apresentada como proposta de trabalho na disciplina Pensamento Impresso, como isolada de mestrado, sob orientação de Amir Brito Cadôr, na Escola de Belas Artes da UFMG / 1º semestre de 2015.

